



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

PAULO CÍRIO SILVA

**MODOS DE OBJETIVAÇÃO DO SUJEITO CHARLES MANSON: UM ESTUDO
ARQUEOGENEALÓGICO**

SÃO LUÍS

2023

PAULO CÍRIO SILVA

**MODOS DE OBJETIVAÇÃO DO SUJEITO CHARLES MANSON: UM ESTUDO
ARQUEOGENEALÓGICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras), da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Estudos de Linguagem e Práticas Discursivas.

Orientadora: Profa. Dra. Ilza do Socorro Galvão Cutrim.

SÃO LUÍS

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silva, Paulo Círio.

MODOS DE OBJETIVAÇÃO DO SUJEITO CHARLES MANSON: UM ESTUDO
ARQUEOGENEALÓGICO

96 f.

Orientador(a): Ilza do Socorro Galvão Cutrim.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/CCH, Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-
Graduação em Letras/CCH, UFMA, São Luís, 2023.

1. Análise foucaultiana do discurso. 2. Objetivação do sujeito. 3.
Charles Manson. 4. Estudo arqueogenealógico.
I. Cutrim, Ilza do Socorro Galvão. II. Título.

PAULO CÍRIO SILVA

**MODOS DE OBJETIVAÇÃO DO SUJEITO CHARLES MANSON: UM ESTUDO
ARQUEOGENEALÓGICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras), da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Estudos de Linguagem e Práticas Discursivas.

Orientadora: Profa. Dra. Ilza do Socorro Galvão Cutrim.

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Ilza do Socorro Galvão Cutrim
Orientadora
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Ana Silvina Ferreira Fonseca
Instituto Federal do Maranhão

Profa. Dra. Marize Barros Rocha Aranha
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. José Dino Costa Cavalcante
Universidade Federal do Maranhão
Suplente

Local: Universidade Federal do Maranhão
Centro de Ciências Humanas
UFMA – Campus Dom Delgado (Cidade Universitária)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar pela coragem e força que Ele me deu para seguir em frente, logo após o fim da Graduação (2020), no Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal do Maranhão. A minha fé e minha força vem diretamente deste ser celestial que todos os dias está comigo, principalmente nos momentos de dificuldade. Obrigado, Senhor, por essa oportunidade.

Gostaria de frisar o meu orgulho de ser filho da Universidade Federal do Maranhão, local que me faz sempre pensar na importância que a universidade pública brasileira tem para o Ensino, Pesquisa e Extensão que são os pilares para o desenvolvimento científico e social de nosso país, o Brasil. Tenho orgulho em dizer que apoio com unhas e dentes as universidades públicas deste país que são a ágora da construção do conhecimento brasileiro e latino-americano. Viva a universidade pública de qualidade!

Meus sinceros agradecimentos à minha família, principalmente minha mãe Clarice de Jesus Silva que sempre me deu liberdade para escolher o que eu quisesse de bom em minha vida. Gostaria de agradecer aos meus amigos Flávia Silveira, Sandréia Pereira, Francisdeth, Adilson Costa, Juliana Araújo, Reneé Lucian, Thiago Augusto, Dindevés, Socorro Aires e Helena que me apoiaram em todos os momentos. Às professoras Ilza Cutrim (minha orientadora), Mônica Cruz, Marize Aranha, Ana Lúcia e Graça Faria, que são o quinteto de mulheres fortes, inteligentes e ótimas conselheiras, principalmente no que tange à pesquisa acadêmica.

Quero agradecer à amizade de Georgiana Maia, colega de curso, além dos outros colegas que estiveram no Mestrado durante a pandemia da COVID-19, sendo nossas aulas ministradas online.

E para finalizar esses agradecimentos, gostaria de dizer que é possível sim fazer o Mestrado trabalhando em três lugares ao mesmo tempo e sem obter bolsa de pesquisa. A luta e a perseverança nos fazem fortes e capazes de vencer todas as batalhas diárias. Enfim, o meu muito obrigado a todos!

A história contínua é o correlato indispensável à função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido; a certeza de que o tempo nada dispersará sem reconstituí-lo em uma unidade recomposta; a promessa de que o sujeito poderá, um dia - sob a forma da consciência histórica -, se apropriar, novamente, de todas essas coisas mantidas a distância pela diferença, restaurar seu domínio sobre elas e encontrar o que se pode chamar sua morada. (Michel Foucault).

RESUMO

Charles Manson foi um falso guru americano que aterrorizou a sociedade americana no verão de 1969, por arquitetar o assassinato da atriz americana Sharon Tate – e seus amigos – e do casal LaBianca. Em 1967, ele formou em um rancho abandonado a famosa seita *Família Manson*, cujo grupo de seguidores o idolatravam como se fosse um conselheiro espiritual, um messias. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar como o sujeito Charles Manson é objetivado pela mídia americana a partir de depoimento de seus ex-seguidores e pela obra biográfica escrita por Jeff Guinn em 2014. O aporte teórico desta pesquisa tem como embasamento *A Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 2008); *Dicionário de Teologia Fundamental* (BARAÚNA, 1994); e *O governo de si e dos outros* (FOUCAULT, 2010). Para isso, a metodologia usada para a construção do *corpus* é de cunho bibliográfico e analisa a objetivação do sujeito a partir da mídia americana por meio dos depoimentos dos ex-seguidores de Manson e da biografia escrita por Guinn. As formações discursivas assumidas pelo biógrafo Jeff Guinn – biógrafo, historiador, cientista político – revelam uma regularidade. Charles Manson é objetivado como manipulador, sedutor, aliciador, violento, cruel, assim como uma vítima de um convívio familiar conflituoso, de várias ocasiões de abandono, que resultaram na formação de um caráter problemático e transgressor. Para seus seguidores, cujos discursos foram divulgados midiaticamente, Manson é objetivado como um protetor, um pastor. Vale destacar que suas técnicas de poder eram a sedução, o aliciamento. A figura de pastor que Manson assumia era uma técnica de manipulação que não visava a proteção, mas a submissão dos membros da Família. Para a mídia, esse sujeito é objetivado como um maluco, um homem cruel que fingia se importar com cada um de seus membros para obter vantagens. Nesse processo de objetivação do sujeito, os depoimentos descrevem um Manson como um líder apaixonante e ao menos tempo arrepiante.

Palavras-chave: Análise foucaultiana do discurso. Objetivação do sujeito. Charles Manson. Estudo arqueogenealógico.

ABSTRACT

Charles Manson was a fake American guru who frightened the United States in the summer of 1969 by having planned to murder the American actress Sharon Tate – and her friends – and the couple LaBianca. In 1967, he organized in an abandoned ranch the famous cult *Manson Family*, whose group of followers worshiped him as if he was a sort of spiritual counselor, a messiah. This way, the present dissertation aims to analyze how is made the objectification of the subject Charles Manson by the American media through statement of his former followers and the biographical novel written by Jeff Guinn in 2014. The theoretical contribution for this survey is *A Arqueologia do Saber* (FOUCAULT, 2008); *Dicionário de Teologia Fundamental* (BARAÚNA, 1994); and *O Governo de Si e dos Outros* (FOUCAULT, 2010). In view of, the methodology worked to development of *corpus* is bibliographical and analyzes the objectification of subject from the American media through statement of Manson former followers and biography written by Guinn. The discursive formation presented by biographer Jeff Guinn – biographer, historian, political scientist – reveals a regularity. Charles Manson is objectified as a manipulator, seductive, groomer, violent, cruel, as well as a victim in a problematic familiar relationship in various moments which he was abandoned resulting in the formation of a problematic and transgressive character. For his followers, whose speech was said on media, Manson is objected as a protector, a shepherd. It is important to be highlighted his strategies of power were seduction and grooming. The behavior as a shepherd was a technique of manipulation developed by Manson who did not matter in protecting because he wanted his members were submissive in the Family. In the view of media, the subject is objected like a insane, a cruel man who pretended to care his followers to obtain money and other advantadge. In this process of objectivation about subject, the interviews describe Manson as a lovely leader and at the same time a frightening man.

Keywords: Discourse Analysis in Foucault. Objectification of subject. Charles Manson.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
	CAPÍTULO 1	
2	A ANÁLISE DO DISCURSO EM MICHEL FOUCAULT	16
2.1	A teoria arqueológica de Foucault e a construção de saberes	16
2.2	A teoria genealógica de Foucault: poderes e discursos	24
2.3	O governo de Si e dos Outros	29
	CAPÍTULO 2	
3	MESSIANISMO: UM ESTUDO GENEALÓGICO	36
3.1	Messianismo judaico-cristão	39
3.2	Messianismo e poder pastoral: produzindo subjetividades.....	40
3.3	O messianismo no contexto americano	46
	CAPÍTULO 3	
4	O CONCEITO DE AUTORIA	51
4.1	“A morte do autor”	51
4.2	O que é um autor?	52
4.3	O conceito de biografia	55
	CAPÍTULO 4	
5	MODOS DE OBJETIVAÇÃO DO SUJEITO CHARLES MANSON	59
5.1	A biografia de Charles Manson	59
5.2	A objetivação do sujeito por ex-seguidores e pela mídia	69
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	83
	ANEXOS	87

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em quase todos os casos, eu identifico Charles Manson como ‘Charlie’ porque era assim que todos o chamavam durante o tempo que ele liderou a Família. Quase todos que o conheceram durante aquela época arrepiante ainda o chamam assim. Os principais membros da Família Manson também são chamados neste livro por seus primeiros nomes. Nos demais casos, eu geralmente observo a tradição de identificar pessoas por seus sobrenomes após a referência inicial.

É digno de nota que, quando criança em McMechen, Manson era conhecido como “Charles”, como ele ainda é hoje entre os muito de seus amigos e seguidores. Em sua carta para mim, e em outras cartas mostradas para mim durante o processo de pesquisa deste livro, ele assina com seu nome completo: ‘Charles Milles Manson’ (GUINN, 2014, p. 17).

Início esta pesquisa falando do porquê de ter escolhido Charles Manson como um sujeito a ser estudado dentro dos estudos discursivos. A minha curiosidade partiu de um documentário da History Channel chamado *Hippies*, que apresenta aos telespectadores a respeito do *Movimento Hippie* nos anos 1960 e os conflitos internos que mexeram com o imaginário americano. Em um certo trecho do documentário surge a figura de Manson, um homem barbudo e esquisito ao olhar da sociedade que atraiu vários jovens para fazerem parte de uma seita em um rancho abandonado. Ao assistir o documentário eu me questionava (e ainda me questione) como um homem que acabara de sair da prisão conseguiu convencer tantos jovens a segui-lo. E o que mais me impressiona ao realizar estes estudos sobre o sujeito é como seguidores que vivam em uma vida confortável com emprego e estudos universitários puderam se deixar manipular e cometer crimes como se fosse algo satisfatório e lícito. Charles Manson mexe com o imaginário de vários estudiosos das mais diferentes áreas do conhecimento, e trazê-lo para o campo discursivo dentro da área de Letras é uma oportunidade para nós, analistas do discurso, compreender até que ponto as pessoas são manipuladas por pensamentos insanos de um falso guru dentro da sociedade. Compreender Charles Manson é um dever de todos nós pesquisadores para que possamos mostrar à sociedade o quão perigoso pode ser assimilar pensamentos que vão contra todos os princípios éticos e morais dentro da sociedade.

Retomo a nota que abre a Introdução deste trabalho. Ela foi publicada no livro *Charles Manson, a biografia* (2014)¹ pelo autor Jeff Guinn, biógrafo e jornalista americano que

¹ Na versão brasileira da obra, a tradução ficou por conta de Daniel Alvez da Cruz *et al.*

investigou a vida de Charles Manson percorrendo sobre a infância, adolescência e vida adulta do biografado. Além disso, Guinn fez longas pesquisas a respeito da condenação de Manson – ocorrida em 1971 – à prisão perpétua² na Califórnia (EUA). O motivo de sua condenação, expressa na obra, foi o assassinato da atriz americana Sharon Tate – na época esposa do famoso cineasta franco-polonês Roman Polanski – e de outras pessoas, que trouxe (e continua trazendo) diversas discussões sobre quem foi Manson e sua relação com os seus seguidores.

Charles Milles Maddox, Charles Manson ou Charlie³ formou e liderou, em meados dos anos 1967, na Califórnia, a seita que ficou conhecida como "Família Manson"⁴. Seus seguidores eram jovens (homens e mulheres brancos⁵ e a maioria pertencente à classe média) que deixaram a casa de seus pais para se reunir a Manson e desfrutar, longe de seus lares, a liberdade que os anos 1960 pregavam. A Família Manson ficou conhecida mundialmente por ter cometido uma série de nove assassinatos entre julho e agosto de 1969.

A biografia escrita por Guinn tem como fontes as cartas escritas por Manson em um presídio⁶ na Califórnia (como descrito na nota), o livro *Helter Skelter*⁷, recortes de matérias jornalísticas e depoimentos de alguns dos ex-seguidores de Charlie, que conviveram com ele entre 1967 e 1969⁸ em um set de filmagens abandonado chamado *Rancho Spahn*, local onde foi formada a seita.

A imprensa da época publicou várias notícias sobre Charles Manson e sua Família, particularmente os crimes cometidos por eles. Jornais de tv, jornais impressos, revistas publicizaram as ações dando destaque às motivações que envolveram a formação da seita, à idade de seus membros e sua crença em seu líder, dentre outras questões de ordem histórica. Os

² Manson e os membros da Família, que cometeram os assassinatos no verão de 1969, foram condenados à pena de morte, porém a sentença foi comutada à prisão perpétua em 1971.

³ Destacamos aqui as três formas de como Manson era conhecido: Charles Milles Maddox era o seu nome em registro; Charles Manson era o seu nome propagado pela mídia constatemente; Charlie era o nome usado por seus seguidores.

⁴ A *Família Manson* foi uma seita criada por Charlie em meados de 1967 após ele deixar a prisão Ilha Terminal. O objetivo da seita era recrutar e formar os jovens seguidores em criminosos para a prática de furtos, roubos e até assassinatos que culminaram na morte de Tate e do casal LaBianca no verão de 1969 em Los Angeles (EUA).

⁵ Todos os integrantes da Família Manson eram pessoas brancas; não há registros de pessoas negras.

⁶ Charles Manson estava preso em Corcoran desde 1969, uma prisão estadual da Califórnia onde ele morreu aos 83 anos de causas naturais em 2017.

⁷ O livro *Helter Skelter: The True Story of the Manson Murders* foi escrito por Vicent Bugliosi, promotor de justiça que acompanhou o caso sobre os assassinatos da atriz americana Sharon Tate, seus amigos (Abigail Folger, Wojciech Frykowski e Jay Sebring), do amigo do caseiro da casa de Tate, Steven Parent, e do casal LaBianca (Leno e Rosemary) em 1969. Nessa obra, o promotor apresenta os fatos, por meio dos processos judiciais, relacionados aos assassinatos que chocaram a sociedade americana naquele período.

⁸ Antes da prisão de Manson e de alguns membros da Família, em 1969, o grupo deixou o Rancho Spahn para viver no Rancho Barker, próximo ao deserto Vale da Morte (Califórnia).

discursos sobre o sujeito Charles Manson retomam um arquivo sobre a figura de um líder, de um messias, tal como ele era considerado por seus seguidores. Nesse sentido, é possível dizer que os discursos sobre Manson situam-se em meio à dispersão pois são formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade, mas por “regras de formação” (FOUCAULT, 2013). Em outras palavras, as regras que formam esse sujeito situam-se na dispersão.

Para entender tais regras, fazemos uma escavação arqueológica sobre o sujeito messiânico, que está associado à ideia de líder, por meio de acontecimentos que se estruturam em meio tanto à dispersão quanto a regularidades. Para tanto, enveredar pelos Estudos Discursivos Foucaultianos⁹ será importante, uma vez que eles conduzirão nosso caminho de pesquisa.

Foucault (2012, p. 3-4) argumenta que há elementos na história que não são colocados em questão ou são deixados de lado, pois por “[..] trás da história desordenada dos governos, das guerras e da fome, desenham-se histórias, quase imóveis ao olhar – histórias com um suave declive: história dos caminhos marítimos, história do trigo ou das minas de ouro, história da seca e da irrigação [..]” assim como “[...] história da rotação das culturas, história do equilíbrio obtido pela espécie humana entre a fome e a proliferação”. As evidências sobre o discurso possuem uma profundidade de sentidos que devem ser analisadas de forma mais detalhada para que possamos não somente analisar os discursos produzidos, mas resgatar o que foi esquecido e reduzido ao silêncio dentro dos grandes acontecimentos que, a partir de agora, passam a ser monumentalizados por meio de um procedimento de análise mais aprofundado dos saberes adquiridos, completa Foucault.

Não basta somente obtermos conhecimento sobre um acontecimento, mas compreender como tal acontecimento é construído, as condições e os espaços de produção das formações discursivas.

A presente pesquisa perpassa pela lente da história e dos acontecimentos dentro dos Estudos Discursivos Foucaultianos (*doravante EDF*) ao analisar os modos de objetivação do sujeito messiânico pelo olhar do biógrafo, da mídia e de alguns ex-membros da seita Família Manson. Para isso, a produção desta pesquisa parte da seguinte problemática: *como o sujeito Charles Manson é objetivado pelo biógrafo, pela mídia e por alguns membros da Família?*

⁹ Evitamos utilizar nesta pesquisa o termo *Análise do Discurso* ou *AD* por conta de duas vertentes usadas dentro deste campo de pesquisa: *Análise do Discurso* em Foucault e *Análise do Discurso* em Pechêux. Portanto, decidimos utilizar *Estudos Discursivos Foucaultianos* para que o leitor possa focar nos estudos de Foucault.

Para responder a esse questionamento, os objetivos da pesquisa foram organizados da seguinte maneira:

Objetivo geral

- Analisar como o sujeito Charles Manson é objetivado pela mídia americana a partir de depoimento de seus ex-seguidores e pela obra biográfica escrita por Jeff Guinn em 2014.

Objetivos específicos

- Compreender como o biógrafo, a mídia e alguns dos ex-seguidores objetivam o sujeito Charles Manson.
- Apresentar, segundo uma perspectiva arqueogenealógica, acontecimentos que constituem o sujeito messiânico;
- Identificar como eram praticadas as relações de saber-poder do sujeito pelo olhar de seus ex-seguidores.

Para compreender o questionamento apresentado juntamente com os objetivos assinalados acima, inserimos algumas hipóteses que nos ajudaram a compreender como vai sendo produzido o sujeito Charles Manson e sua Família.

Hipótese 1

Susan Atkins, uma das principais integrantes da seita, dizia em entrevistas que Manson declarava ser um messias, com isso todos que conviviam no grupo se sentiam encantados com as atitudes do líder e a forma de como ele tratava as garotas: ele era bondoso e carinhoso, um verdadeiro mestre, de acordo com os membros da seita.

Hipótese 2

O livro *Helter Skelter*, escrito pelo promotor Vicent Bugliosi, descreve sobre os crimes arquitetados por Manson e praticado por seus seguidores. A obra foi um dos materiais importantes para a divulgação dos fatos pela mídia americana. A obra de Bugliosi foi uma das fontes usadas por Jeff Guinn, autor do livro *Charles Manson, a biografia*, para a produção de uma biografia.

Hipótese 3

Manson cria a teoria do Helter Skelter e manipula jovens com discursos megalomaniacos em que ele fala sobre uma guerra interracial entre negros e brancos nos quais os negros venceriam a guerra e dominariam o mundo. No entanto, na visão psicótica de Manson, os negros não seriam sábios o bastante para governar o mundo, então ele seria o responsável por comandar o planeta no lugar dos negros. Por causa disso, Manson obriga todos a seguirem-no ao deserto do Vale da Morte¹⁰ para que eles aguardassem o fim da batalha e pudessem agir. Os discursos perturbadores de Manson deixam claro que ele não era equilibrado psicologicamente e que isso acabou sendo um passo para que todos que conviviam com ele no rancho seguissem todas às suas regras ilícitas.

Processo metodológico

O processo metodológico da pesquisa se dá, inicialmente, pela análise da obra *Charles Manson, a biografia*, produção biográfica escrita por Jeff Guinn e publicada pela editora novaiorquina Simon & Schuster em 2014 nos Estados Unidos. A versão brasileira foi realizada pela editora Darkside (em 2014) e traduzida para o português por Daniel Alvez da Cruz *et al.* A obra foi desenvolvida a partir de cartas escritas de dentro da prisão por Charles Manson. Nas cartas, Manson fala sobre sua infância, adolescência, vida adulta e sobre sua relação com seus seguidores dentro da seita na Califórnia. Além disso, Guinn percorre o conturbado anos 60 descrevendo as loucuras da época; fala da relação de Manson com pessoas famosas em Hollywood – como Denis Wilson e Terry Melcher, baterista do The Beach Boys e produtor musical, respectivamente – além de mostrar relatos de seus ex-seguidores a partir do que era publicado na mídia americana; nos mostra como era a vida dos seguidores nos ranchos Spahn e Barker, e como Manson os convenceu viver em uma área rural distante do centro urbano de Los Angeles, uma estratégia de dominação dos corpos para que pudesse expor suas filosofias que incluíam messianismo, racismo, machismo, apocalipse bíblico, liberdade sexual, supremacismo branco, cientologia e o uso de drogas incluindo o LSD (Dietilamida do Ácido Lisérgico), segundo Guinn (2014).

Todos estes fatos narrados na obra de Guinn estão entrelaçados com os estudos da história, cujo estudo trata da formação discursiva dentro de um determinado acontecimento

¹⁰ O deserto Vale da Morte fica localizado no estado da Califórnia ao norte do Deserto de Mojave.

sócio-histórico, assim como as relações de poder e os jogos de verdades que são construídas dentro de um grupo social em que permeiam os saberes e as práticas discursivas. A partir deste contexto, buscamos compreender a construção discursiva do sujeito Charles Manson, incluindo a ideia de um sujeito messiânico, que em certo momento era como ele foi visto por membros de sua Família, fazendo uma abordagem do conceito do termo *messias*.

O processo metodológico tem como análise, também, as entrevistas com alguns dos ex-seguidores de Charles Manson, mostrando como nas entrevistas eles descreviam o comportamento do falso guru. Além disso, analisamos como a mídia objetiva Manson por meio de publicações em revistas semanais, como a LIFE, documentários, entrevistas em redes de televisão, como ocorreu na década de 90 com Diane Sawyer, e reproduções advindas da biografia escrita por Guinn, além dos depoimentos feitos por ex-seguidores que conviveram com Charles no rancho Spahn.

As produções jornalísticas trazem várias versões sobre quem é Charles Manson e como é marcada a identidade do sujeito a partir de vários olhares compondo, assim, uma análise interpretativa dos fatos sobre o indivíduo. A revista Rolling Stones, por exemplo, foi um dos grandes meios de comunicação que chegou a entrevistar Manson antes de sua morte em 2017 em que o sujeito apresenta à sua versão dos fatos sobre o que foi dito sobre ele pela grande mídia e pelo promotor Vicent Bugliosi, promotor que escreveu um livro falando sobre as atrocidades cometidas por seguidores de Manson a mando deste sujeito.

A pesquisa parte dos estudos arqueogenealógicos de Michel Foucault, que buscam compreender as relações entre saberes e poderes. A biografia, as entrevistas com alguns dos ex-membros da seita e as publicações da mídia sobre o sujeito Charles Manson foram escolhidas como critério de análise pelo fato de serem uma materialidade que nos ajuda a compreender como tal sujeito é objetivado e o modo de como ele é visto no meio social americano. Cada visão apresentada, de acordo com o que há exposto na pesquisa, será de grande importância para entendermos melhor sobre a vida e trajetória de um sujeito que carrega em si várias identidades.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos. O capítulo 1 discorre sobre os estudos de Foucault na análise do discurso em que o autor trata do conceito de arqueologia em sua obra *A arqueologia do saber*, publicada em 1969. Para tanto, há um olhar sobre os conceitos de regularidades discursivas, enunciado e arquivo. Além disso, são apresentados os conceitos sobre governamentalidade e objetivação do sujeito sob as lentes do biógrafo e de alguns dos ex-seguidores de Manson buscando compreender como os sujeitos objetivam o sujeito

messiânico. Por fim, tecemos consideramos sobre o que é um autor, à luz dos estudos foucaultianos.

No capítulo 2, discutimos sobre o messias histórico analisando a origem do termo *messias* e os estudos sobre messianismo judaico-cristão, assim como alguns acontecimentos que colaboraram para a produção de práticas discursivas, como os estudos sobre a relação do messianismo com o poder pastoral. Como complemento sobre o uso do termo messias dentro da seita de Manson, apresentamos a influência dos Beatles dentro da comunidade de Charles Manson, uma vez ele era obcecado pela banda de jovens ingleses. Essa obsessão pela banda fez com que Charlie criasse teorias apocalípticas – de cunho racista – sobre uma guerra entre negros e brancos, além de usar uma música do Álbum Branco¹¹ dos Beatles como estratégia para o fortalecimento da teoria sobre o *Helter Skelter*¹² (uma das músicas presentes no álbum dos Beatles) cuja compreensão de Manson tinha a ver com uma guerra em que pessoas brancas seriam aniquiladas ou escravizadas por pessoas negras, uma verdadeira guerra racial ideológica.

No capítulo 3, discutimos a respeito do sujeito sob as lentes do biógrafo. Neste capítulo, fazemos uma análise do conceito sobre a “morte do autor” por Roland Barthes, além de compreender o conceito de biografia a partir de algumas perspectivas teóricas. Ainda em destaque no referido capítulo, discorremos sobre a obra biográfica *Charles Manson, a biografia* (2014), principal material de análise para o desenvolvimento da dissertação, mostrando como é retratado o biografado Charles Manson a partir da visão de Jeff Guinn.

No capítulo 4, são apresentadas as análises dos dados que mostram os depoimentos de alguns dos ex-seguidores de Manson; como a mídia apresenta Charlie à sociedade e como a biografia objetiva o sujeito messiânico.

Em seguida, apresentamos as considerações finais e as referências que embasaram o desenvolvimento da pesquisa, além dos anexos.

¹¹ O Álbum Branco foi um dos mais famosos álbuns de músicas preoduzido pelos *Beatles* na década de 60, que incluía músicas como *Back in the U.S.S.R.*, *Ob-La-Di Ob-La-Di*, *While My Guitar Gently Weeps* e *Helter Skelter*.

¹² *Helter Skelter* é uma das músicas do Álbum Branco dos Beatles. A música foi batizada por Paul McCartney após ele obter um brinquedo famoso na Inglaterra de mesmo nome que tem o mesmo formato de um tobogã. Mas na visão de Manson, *Helter Skelter* era um evento apocalíptico em que brancos e negros lutariam em uma guerra racial, onde os negros matariam todos os brancos e controlariam o mundo; porém, para Charlie, os negros não seriam inteligentes o suficiente para isso, então Manson e sua Família fariam isso no lugar dos negros.

CAPÍTULO 1

2 A ANÁLISE DO DISCURSO EM MICHEL FOUCAULT

Apesar de não ter se preocupado em desenvolver uma teoria ou disciplina do discurso, Michel Foucault tem um papel importante nos estudos discursivos. No Brasil, há inúmeros trabalhos de pesquisadores de vertente foucaultiana e que têm no discurso seu objeto de estudo. Compartilhamos, aqui, a “[...] preocupação de considerar as condições históricas de existência dos discursos” (FERNANDES, 2007, p. 47), e o lugar do sujeito nos trabalhos de Foucault.

Em entrevista intitulada *O sujeito e o poder* Foucault (1994, p. 223), Foucault deixa claro que “Não é, portanto, o poder, mas o sujeito, o que constitui o tema geral de minhas pesquisas”. Ele pretendeu “[...] criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos [...]”, o que implica dizer que ele se preocupou com uma história dos modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos.

Foucault estuda a noção de sujeito sob três perspectivas. A primeira é a de um sujeito do conhecimento científico; a segunda é a de um sujeito normatizado, das práticas divisoras; a terceira é o sujeito como objeto de observação de si e de reconhecimento segundo um saber possível. Em outras palavras, “como nos constituímos como sujeitos de nosso saber, sujeitos agentes ou pacientes do poder e, finalmente, sujeitos morais de nossas ações” (FOUCAULT, 1994, p. 574).

Apresentemos, aqui, uma discussão sobre a arqueologia do saber, a genealogia do poder e o governo de si.

2.1 A teoria arqueológica de Foucault e a construção de saberes

Os estudos arqueológicos foucaultianos foram desenvolvidos na década de 1960 com a publicação das obras *História da loucura* (1961) – tese de Doutorado apresentada por Foucault ao Collège de France, *As palavras e as coisas* (1966) e *A Arqueologia do saber* (1969). Nesta última, Foucault discute conceitos clássicos como ciência, enunciado e saber, por meio de uma reflexão sobre a concepção de ciência, descrição, funções enunciativas, positividade, arquivo. Tais conceitos são importantes para a compreensão de uma determinada episteme e

para a compreensão do que Foucault entende por saber/poder, além de serem importantes para o estudo do discurso.

Interessa-nos abordar, neste trabalho, alguns conceitos. Inicialmente, falaremos sobre o enunciado. Segundo Foucault (2012, p. 98), o enunciado é “[...] uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço”. Há quatro características que o diferenciam de uma proposição, de uma frase e de um ato de linguagem. A primeira delas é que uma série de signos será considerada um enunciado quando entre essa série e "outra coisa" houver uma relação específica que se refira a ela mesma, e não ao que lhe deu origem, nem aos elementos que a constituem. Essa característica determina o referencial do enunciado, ou seja, suas leis de possibilidade, o campo no qual ele surge.

O referencial tem a ver com o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos, dos objetos, dos estados de coisa e com o que ele coloca em jogo. O referencial dá condições de aparecimento, de delimitação e valor de verdade aos elementos do discurso. (COURTINE, 2009)

Se pensarmos, por exemplo, o(s) campo(s) de emergência do objeto messias, ou messianismo, iremos observar o campo da religiosidade, o campo político, o campo social. A emergência da ideia de messias, no caso de Manson, está ligada ao campo político decorrente dos vários acontecimentos dos anos 1960. A insatisfação com o sistema político americano, a guerra no Vietnã, os movimentos sociais das minorias (feminismo, black power, movimento estudantil) estão na ordem do discurso das mudanças e da revolta de jovens. Nesse cenário de caos, surge alguém que se apresenta a um grupo (chamado posteriormente de a Família Manson) como aquele que vai resgatar a sociedade do caos e vai dar uma solução para a insatisfação que se apresentava, ou seja, um líder messiânico.

A segunda característica do enunciado é o fato de que ele “[...] mantém com um sujeito uma relação determinada que se deve isolar, sobretudo, das relações com as quais poderia ser confundida, e cuja natureza é preciso especificar” (FOUCAULT, 2012, p. 103-104). O sujeito, que não corresponde, necessariamente, ao sujeito gramatical de primeira pessoa, é uma função vazia e não coincidente consigo mesmo de um enunciado a outro, pois essa função pode ser assumida por diferentes indivíduos, e, ainda, um mesmo indivíduo pode ocupar diferentes posições em uma série de enunciados, assumindo papel de distintos sujeitos.

Não é preciso, pois, conceber o sujeito do enunciado como idêntico ao autor da formulação, nem substancialmente, nem funcionalmente. Ele não é, na verdade, causa, origem ou ponto de partida do fenômeno da articulação escrita ou oral de uma frase: não é, tampouco, a intenção significativa que, invadindo silenciosamente o terreno das palavras, as ordena como o corpo visível de sua intuição; não é o núcleo constante, imóvel e idêntico a si mesmo de uma série de operações que os enunciados, cada um por sua vez, viriam manifestar na superfície do discurso. É um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes; mas esse lugar, em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter uniforme ao longo de um texto, de um livro ou de uma obra, varia – ou melhor, é variável o bastante para poder continuar idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma (FOUCAULT, 2012, p. 107).

Uma questão apresentada por Foucault é a investigação da modalidade enunciativa: quem são os sujeitos que têm, em nossa sociedade, o direito de enunciar?

A modalidade enunciativa é uma das quatro regras de formação que implica a existência de enunciados em uma Formação Discursiva (FD) (regularidade enunciativa). As outras três são: a formação dos objetos, a formação dos conceitos e a formação das estratégias. A modalidade enunciativa permite encontrar a lei das diversas enunciações e o lugar de onde vêm as formas de enunciados. Diante disso, surgem questionamentos como: Quem fala? Qual é o status dos indivíduos que têm o direito de proferir determinado discurso? De quem eles recebem essa legitimidade? Qual o status do sujeito que enuncia, os lugares institucionais de onde ele obtém o seu discurso, onde se legitima e encontra seu ponto de aplicação? O status do sujeito se modifica ao longo do tempo, sendo definido pela situação que ele ocupa diante de domínios ou grupos de objetos (FOUCAULT, 2012).

Guinn assume, em *Charles Manson, uma biografia*, o lugar de biógrafo, o lugar de um cientista político ao analisar o contexto da época de aparecimento da Família Manson. Antes de produzir a biografia sobre Charles Manson, o biógrafo já havia escrito outras obras sobre figuras famosas como o casal Bonnie e Clyde e Jim Jones que ficaram marcados na história americana.

Foucault destaca, ainda, as relações dos enunciados com o domínio associado ou campo associado. Diferentemente da frase e da proposição, o enunciado necessita, para seu desempenho, de algo semelhante a um contexto de produção. Assim, frases e proposições podem ser, se não compreendidas, pelo menos decodificadas sem que tenham relações entre si e um domínio de outras frases e proposições em que estejam inclusas. O campo associado é formado de uma trama complexa de enunciados, em que estão presentes as formulações no

interior das quais o enunciado é um elemento, as formulações a que o enunciado se refere, ora repetindo-as, ora modificando-as, ora adaptando-as ou se opondo a elas.

O enunciado nunca está isolado, mas se insere em um campo, no qual aparece com um *status* que vai lhe possibilitar ser esquecido como enunciado sem relevância ou ser retomado como uma verdade científica, sacralizado e aberto a enunciados futuros.

O enunciado *messias*, por exemplo, vem se abrindo a enunciados futuros, vem sendo retomado ao longo do tempo. Em se tratando de Jesus Cristo, esse enunciado produz um saber sobre um sujeito que anuncia a boa nova, a esperança, a vida.

No processo de análise de um enunciado e como ele ganha novos espaços discursivos ao longo do tempo, Foucault (2012, pp. 34-35) explica que

um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido pode esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é o único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação.

Ao longo dos anos, o termo *messias* tem ganhado novos conceitos a partir de cada movimento e manifestação dentro de um espaço social. Na década de 60, o surgimento de líderes espirituais, como Maharishi Mahesh Yogi (1918-2008), conhecido como guru dos Beatles entre 1967 e 1968, fez com que houvesse muitos adeptos a questões relacionadas à liberdade e crença em um mundo melhor onde as pessoas pudessem viver uma utopia de um mundo perfeito, sem guerras, sem violência, sem fome. Os gurus ou falsos gurus são objetivados por grupos sociais como novos *messias* que têm como apelo a salvação e a liberdade.

Os enunciados são “[...] considerados na remanência que lhes é própria e que não é a do retorno sempre possível ao acontecimento passado da formulação [...]” (FOUCAULT, 2012, p. 140), o que implica dizer que eles são remanescentes não porque permanecem no campo da memória ou porque se pode reencontrar o que queriam dizer, mas sim pelo fato de que:

[...] se conservaram graças a um certo número de suportes e de técnicas materiais (de que o livro não passa, é claro, de um exemplo), segundo certos tipos de instituições (entre muitas outras, a biblioteca) e com certas modalidades estatutárias (que não são as mesmas quando se trata de um texto religioso, de um regulamento de direito ou de uma verdade científica). (FOUCAULT, 2012, p. 140).

Os enunciados “[...] estão investidos em técnicas que os põem em aplicação, em práticas que daí derivam em relações sociais que se constituíram ou se modificaram através deles”. Assim, “as coisas não têm mais o mesmo modo de existência, o mesmo sistema de relações com o que as cerca, os mesmos esquemas de uso, as mesmas possibilidades de transformação depois de terem sido ditas” (FOUCAULT, 2012, p. 140). Daí que o enunciado *messias* não possui os mesmos esquemas de uso ao fazer referência a Jesus Cristo, segundo o saber religioso, e a figura de Manson, pois não se insere mais no campo da religiosidade.

A existência do enunciado depende, também, de outra condição: a de que a sequência de elementos que o constitui tenha existência material; ele precisa de uma espessura material. Segundo Foucault (2012), o enunciado possui uma coordenada de espaço e tempo no qual se realiza e também um *status*. Havendo mudança nas características de lugar e data, a identidade do enunciado muda. As características asseguram diferentes enunciações cada vez que um enunciado é repetido em diferentes circunstâncias, pois a enunciação é um acontecimento que não se repete. Mas o enunciado, apesar de sua materialidade, pode ser repetido. O enunciado possui, assim, uma singularidade e uma repetição, caracterizando-o por um regime de materialidade repetível. No exemplo *messias*: a repetição se dá na ordem do enunciado, e a singularidade ocorre na ordem da enunciação, ou seja, o enunciado pode se repetir ao longo da história, mas a cada vez que é repetido vai acontecer em lugar e data diferentes, que não se repetem e, portanto, possuem sentidos singulares.

Outro ponto a ser ressaltado sobre a arqueologia é que ela constrói uma história dos saberes que têm o homem como sujeito e objeto do saber. Nesse momento, Foucault se propõe pensar o sujeito em sua relação com a História, o discurso e a produção de sentidos (GREGOLIN, 2004a). Nessa direção, ele “[...] elaborou conceitos e indicou direções para uma teoria e análise do discurso [...]” (GREGOLIN, 2004b, p. 19), pondo em questão os métodos da história tradicional, adotando, por sua vez, uma concepção tributária da história-problema, aproximando-se da Nova História, e propondo uma história genealógica, objetivando desvelar as camadas arqueológicas do passado e fazendo uma crítica do presente.

Na introdução de *A Arqueologia do Saber*, Foucault propõe o abandono da ideia de continuidade porque, no seu entender, essa ideia autoriza a busca por uma origem e permite reagrupar elementos dispersos em um mesmo princípio organizador. Para ele, “[...] é preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens” (FOUCAULT, 2012, p. 24). É preciso abandonar a ideia de

continuidade dos fenômenos. Os acontecimentos devem ser tratados em sua dispersão; é preciso se inquietar diante das sínteses acabadas, dos recortes e agrupamentos tão familiares.

Foucault nos faz refletir (e problematizar) sobre os acontecimentos do presente por meio de uma análise histórico-discursiva sobre eventos que são construídos e que se repetem ao longo do tempo. A história em sua descontinuidade é indispensável “[...] à função fundadora do sujeito: a garantia de que tudo que lhe escapou poderá ser devolvido” (FOUCAULT, 2012, p. 15).

Ele faz uma crítica à história positivista (Idade Moderna) pelo fato de ela trazer concepções relacionadas à continuidade, causalidade, a concepção de sujeito, a crença na verdade do documento etc., pois a história tradicional organiza-se a partir de narrativas construídas por uma sequência de acontecimentos seguidos de uma hierarquia de determinações.

A Nova História – na visão foucaultiana – tem como estudo uma análise problemática (questionamentos) do que é mostrado na história e o método analítico desta para justamente trazer à tona as micro-histórias, as vozes invisíveis, os excluídos, a história do cotidiano. Buscamos nessa nova história compreender os fatos, indo além do que é contado dentro das mais variadas instituições (igrejas, seitas, sindicatos, prisões etc.).

Foucault (2012, p. 32) nos chama atenção sobre essa análise: “Antes de se ocupar, com toda certeza, de uma ciência, ou de romances, ou de discursos políticos, ou da obra de um autor, ou mesmo de um livro, o material que temos a tratar, em sua neutralidade inicial, é uma população de acontecimentos no espaço do discurso em geral”, ou seja, uma determinada problemática deve ser analisada em diversos campos do saber para que possamos compreender os conceitos e verdades que são apresentados nas mais diversas áreas do conhecimento.

Segundo Gregolin (2004),

a concretude e a acessibilidade do contexto histórico são ilusórias, pois os milhares de documentos históricos são lidos e interpretados pelo olhar dos historiadores. Um mesmo fato histórico pode ser contado de diferentes pontos-de-vista, porque o autor do texto histórico - como na literatura, ou no texto científico - é apenas, e sempre, efeito construído pelo discurso (GREGOLIN, 2004).

Por mais que os historiadores organizem uma documentação que descreva algum evento histórico, tal evento narrado é interpretado de forma subjetiva. Foucault busca

compreender como as verdades são construídas e a quem elas são destinadas; a sua análise tem como objetivo problematizar os fatos descritos e suas discontinuidades.

Segundo ele, é preciso pensar as discontinuidades, analisar os discursos em sua irrupção de acontecimentos, segundo uma dispersão temporal que lhe permite ser repetido, esquecido, transformado, apagado. Na arqueologia deve-se ocupar de um conjunto de enunciados efetivamente realizados na instância própria de cada um, com base em uma pergunta: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (FOUCAULT, 2012, p. 30). Daí a pergunta: como apareceu o enunciado *messias*? Como o messianismo emerge e sob que condições históricas? Com base nessas perguntas uma reflexão será feita no capítulo 2 desta dissertação.

Foucault propõe que o termo arqueologia

não incita à busca de nenhum começo; não associa a análise a nenhuma exploração ou sondagem geológica. Ele designa o tema geral de uma descrição que interroga o já dito no nível de sua existência; da função enunciativa que nele se exerce, da formação discursiva a que pertence, do sistema geral de arquivo de que faz parte. A arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo. (FOUCAULT, 2012, p. 149).

Conforme já ressaltado anteriormente, a descrição arqueológica requer uma renúncia à forma tradicional de se fazer história, marcada por começo, meio e fim. A arqueologia não tenta descobrir o que está oculto nos discursos, mas os próprios discursos enquanto práticas que obedecem a regras.

A história das ideias trata os discursos como um domínio de valores nos quais os elementos são caracterizados como antigo ou novo, inédito ou repetitivo, original ou regular, primeiro ou derivado de algo. A análise arqueológica, por sua vez, não estabelece uma hierarquia entre uma formulação anterior e a que a repetiu anos mais tarde. Ela procura estabelecer a regularidade dos enunciados, que designa “[...] o conjunto das condições nas quais se exerce a função enunciativa que assegura e define sua existência” (FOUCAULT, 2012, p. 163).

Da noção de história e sua relação com o método arqueológico são derivadas as noções-conceitos de discurso, acontecimento discursivo, enunciado, formação discursiva, sujeito e arquivo.

Foucault traz como elementos de discussão em seus estudos a presença das unidades discursivas, as formações discursivas e os enunciados que percorrem dentro das materialidades

produzidas. Com isso, teoriza sobre as discontinuidades dos documentos que são vistos como monumentos.

Ao problematizar essas práticas e estratégias de análise da história tradicional, afirma que “[...] o documento sempre era tratado como a linguagem de uma voz agora reduzida ao silêncio: seu rastro frágil mas, por sorte, decifrável” (FOUCAULT, 2012, p. 7). Um dos grandes méritos desse olhar sobre como se faz a história é tratar o discurso não como um elemento transparente, mas como elemento passível de ser analisado em sua opacidade. Todo documento histórico é passível de interpretação e põe em xeque a concepção objetiva de história, já que “a História nunca é ‘história-pura’, mas ‘história-para’” (GREGOLIN, 2004b, p. 24, grifos da autora).

As análises e os recortes organizados pelos historiadores tradicionais chamam a atenção de Foucault pela forma sobre como são desenvolvidos os procedimentos de análise dos documentos. O autor francês expõe em sua obra um questionamento sobre a realização destas análises fazendo a seguinte reflexão:

É preciso também que nos inquietemos diante de certos recortes ou agrupamentos que já nos são familiares. É possível admitir, tais como são, a distinção dos grandes tipos de discurso, ou das formas ou dos gêneros que opõem, umas às outras, ciência, literatura, filosofia, religião, história, ficção etc., e que as tornam espécies de grandes individualidades históricas? Nós próprios não estamos seguros do uso dessas distinções no nosso mundo de discursos, e ainda mais quando se trata de analisar conjuntos de enunciados que eram, na época de sua formulação, distribuídos, repartidos e caracterizados de modo inteiramente diferente: afinal, a ‘literatura’ e a ‘política’ são categorias recentes que só podem ser aplicadas à cultura medieval, ou mesmo à cultura clássica, por uma hipótese retrospectiva e por um jogo de analogias formais ou de semelhanças semânticas” (FOUCAULT, 2012, p. 27).

O “[...] emprego dos conceitos de discontinuidade, de ruptura, de limiar, de limite, de série, de transformação coloca, a qualquer análise histórica, não somente questões de procedimento, mas também problemas teóricos” (FOUCAULT, 2012, p. 25), que devem ser analisados não somente por um ponto de vista de um campo do saber, mas a partir de outros olhares.

Segundo Foucault (2012, p. 32), “Antes de se ocupar, com toda certeza, de uma ciência, ou de romances, ou de discursos políticos, ou da obra de um autor, ou mesmo de um livro, o material que temos a tratar, em sua neutralidade, inicial, é uma população de

acontecimentos no espaço do discurso em geral”. Nesse sentido, o autor francês nos alerta sobre os acontecimentos que produzem saberes sobre um certo objeto.

Na obra *Charles Manson, a biografia* (2014), o autor Jeff Guinn situa os acontecimentos históricos dos anos 1960 para que possamos compreender como eles estão ligados à criação de uma seita por Charles Manson, um homem que, segundo Guinn (2014), se autointitula um messias e que exerceu liderança e poder de recrutamento de jovens que não tinham mais crença nas instituições, no governo americano, principalmente, e nos modelos tradicionais construídos há anos pela sociedade conservadora dos Estados Unidos.

As movências que o discurso sobre *messias* sofreu na sociedade ao longo da história nos permitirão mobilizar um arquivo a partir do princípio discursivo da dispersão, presente nas propostas arqueológicas de Foucault (2012), para quem o discurso se caracteriza pela coexistência de enunciados dispersos e heterogêneos e, ainda, considerando que o arquivo por nós analisado põe o discurso e o sujeito em relação com a história.

O arquivo é, segundo Foucault (2012, p. 146), “[...] a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”. É, também, o “[...] que faz com que tantas coisas ditas por tantos homens, há tantos milênios, não tenham surgido apenas segundo as leis do pensamento, ou apenas segundo o jogo das circunstâncias” (FOUCAULT, 2012, p. 146). O arquivo é da ordem do acontecimento, e possibilita a irrupção de enunciados, assim como das coisas ditas, que não se acumulam de forma indefinida e nem se agrupam em uma linearidade, mas segundo regularidades específicas, nem tampouco desaparecem ao acaso. Nesse sentido, não é possível descrever, à exaustão, o arquivo de uma cultura, ou nosso próprio arquivo em sua totalidade, pois é no interior dele que falamos.

2.2 A teoria genealógica de Foucault: poderes e discursos

No tópico anterior, tratamos sobre os saberes que constituem as produções discursivas. Agora, iremos discutir sobre o método genealógico desenvolvido por Michel Foucault que aborda os modos de objetivação do sujeito nas *práticas divisoras* e tentam dividi-lo em relação ao outro. A genealogia caracteriza-se pela relação do sujeito com o poder-saber. A genealogia do poder é uma teoria foucaultiana desenvolvida nos anos de 1970, e entende a emergência dos poderes pautados em saberes, daí o constante emprego do termo *saber-poder*. É um saber

filosófico que pressupõe a insurreição de saberes que vão contra a hierarquia científica do conhecimento e seus efeitos ligados ao poder.

Este método de análise é apresentado e discutido na obra *A ordem do discurso* (1970), cujo livro é a descrição de uma aula inaugural de Michel Foucault em uma das academias mais prestigiadas da França, o Collège de France. A obra de 1970 obteve o acompanhamento de outras teorias que impulsionaram a publicação de novas obras de Foucault, como *Vigiar e Punir* (1975), *História da Sexualidade I* (1976) e *Microfísica do Poder* (1979).

Nos estudos genealógicos, Foucault discute sobre os procedimentos de controle do discurso – internos, externos e condições de possibilidades – nas relações de poder. Em *A ordem do discurso*, Foucault nos mostra na prática como os procedimentos nos deixam ainda enraizados em certos discursos quando nos utilizamos de enunciados – o que já foi dito e repetido na história – carregados de comentários e conceitos que sempre estão se repetindo ao longo do tempo.

Prosseguindo com essa ideia, Foucault argumenta: “Gostaria de me insinuar sub-repticiamente no discurso que devo pronunciar hoje, e nos que deverei pronunciar aqui, talvez durante anos. Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível (FOUCAULT, 2011, p. 5)”.

Na aula inaugural, Foucault faz este comentário para mostrar ao seu auditório como as rarefações do discurso o prendem a ritos e comportamentos que eram presentes no requisitado Collège de France, pois percebia que o seu modo de enunciar ainda está ligado a costumes presentes no espaço onde estava ministrando sua aula, ou seja, deveria seguir discussões e ritos repetindo toda uma ordem e modelo de argumentação.

Existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar, logo de entrada, do outro lado do discurso, sem ter de considerar do exterior o que ele poderia ter de singular, de terrível talvez de maléfico. A essa aspiração tão comum, a instituição responde de modo irônico; pois que torna os começos solenes, cerca-os de um círculo de atenção e de silêncio, e lhes impõe formas ritualizadas, como para sinalizá-los à distância (FOUCAULT, pp. 6-7).

Nesta passagem, Foucault faz uma observação de como a instituição – a academia universitária – ainda está presa aos costumes e ritos que devem ser seguidos por todos que fazem parte dela. Por meio dessa reflexão, surge uma das obras mais interessantes de Foucault: *Vigiar e Punir* (1975); esta obra retrata sobre a sentença de prisioneiros e condenados durante o período da Idade Média e da Idade Moderna e os castigos que marcavam os seus corpos como

uma resposta ao poder que era instaurado por quem podia sentenciar e julgar. Nesse sentido, Foucault vai descrevendo os fatos históricos por meio de documentos franceses que mostravam como eram realizados os castigos aos prisioneiros e condenados à morte. Além disso, o autor discute como é as relações de poder em relação ao tratamento dos prisioneiros. Com isso, há a discussão sobre a marcação dos corpos no ato de condenação:

A marca a ferro quente foi abolida na Inglaterra (1834) e na França (1832); o grande suplício dos traidores já a Inglaterra não ousava aplicá-lo plenamente em 1820 (Thistlewood não foi esquarterado). Unicamente o chicote ainda permanecia em alguns sistemas penais (Rússia, Inglaterra, Prússia). Mas, de modo geral, as práticas punitivas se tornaram pudicas. Não tocar mais no corpo, ou o mínimo possível, e para atingir nele algo que não é o corpo propriamente. Dir-se-á: a prisão, a reclusão, os trabalhos forçados, a servidão de forçados, a interdição de domicílio, a deportação – que parte tão importante tiveram nos sistemas penais modernos – são penas ‘físicas’: com exceção da multa, se referem diretamente ao corpo (FOUCAULT, 2007, p. 14).

A marcação dos corpos era comum quando se tratava da condenação dos prisioneiros, pois o corpo estava na posição de instrumento, isto é, marcado e torturado por meio de castigos cuja implementação partia dos regulamentos impostos pela justiça e pelos ambientes de vivência dos presos. O prisioneiro, então, era enclausurado como resposta à sua falta de liberdade sendo privado de privilégios que tinha, até então, quando era livre, fora da instituição de condenação. É nesse ponto de discussão que surge o conceito de disciplina e os rituais que fazem parte do processo de organização dos corpos nas mais variadas instituições presentes na sociedade, como a escola, a prisão, os orfanatos, os conventos, a igreja etc. Nas escolas, por exemplo, podemos analisar que a disciplina quanto ao modo de como os alunos se sentam nas carteiras – enfileirados –, a obrigação de cantar o Hino da Nacional em pé (em algumas instituições) e a fila do lanche. Os sujeitos são obrigados a seguirem as regras obedecendo os costumes e rituais escolares a partir de um regulamento implantado e lido por diretores, coordenadores e professores. As relações de poder presentes nas diversas instituições chamam à atenção de Foucault pela forma de como elas são organizadas e obedecidas, seguindo um rito e uma ordem.

Como destaca Foucault, a produção discursiva passa por uma série de procedimentos que visam à delimitação de sua produção. Falaremos, a seguir, desses procedimentos.

- **Procedimentos externos**

Os discursos são produzidos por meio de enunciados que percorrem os mais variados discursos. Nesse sentido, os procedimentos externos de controle do discurso são a proibição, a interdição, a segregação da loucura e vontade de verdade, que mostram o que não deve ser dito e, também, quem pode dizer o quê. Por exemplo, uma ordem religiosa de cunho católico não permite que um funkeiro cante suas músicas durante uma celebração religiosa dentro da igreja. Esta prática não deve ocorrer pelo fato de haver princípios e preceitos religiosos que não possuem relações com as músicas de Funk cujo enquadramento rompe com o aprendizado que se tem dentro de uma instituição religiosa de cunho cristão que proíbe uma prática que se desloca do que é posto como verdade dentro do grupo de adoração. Para Foucault, importam as relações de poder envolvidas e decorrentes desse fato.

- **Procedimentos internos**

O discurso é construído e analisado por quem o produz para que ele seja veiculado em algum tipo de materialidade, pois caso contrário tal discurso não terá reconhecimento. Nesse sentido, os elementos que estão relacionados ao discurso são: a autoria, o comentário e a disciplina. Isso ocorre quando se produz uma análise científica cujo reconhecimento e propriedade no campo de atuação deve estar ligada a um processo de aceitação e aprovação de um sistema institucional que tem o poder de garantir que um determinado documento seja considerado científico e relevante para o meio acadêmico e social. Isso ocorre quando publicamos um artigo científico, tese de doutorado, dissertação de mestrado ou um simples ensaio que deve ser publicado em jornais, revistas científicas, anais, dentre outros. Dentro desses procedimentos, há o que Michel Foucault chama de *rarefações* que são classificadas em: *rarefações dos discursos* e *rarefações dos sujeitos*.

A função da rarefação dos discursos (disciplina, autor e comentário) é determinar as condições de funcionamento de um dado discurso, de impor aos indivíduos um certo número de regras e assim não permitir que todo mundo tenha acesso a eles. Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer certas exigências ou se não for, de início, capacitado para fazê-lo.

Foucault (2011, p. 8) argumenta sobre o trabalho que faz ao analisar as formas de produção de um discurso nos mostrando a seguinte afirmação: “suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Os

discursos são marcados por rarefações, porque nem tudo pode ser dito em qualquer lugar por qualquer pessoa.

Ele faz uma reflexão sobre os discursos que não devem ser ditos e que passam por um procedimento de exclusão. “Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 2011, p. 9). Neste ponto de reflexão, Foucault traz como exemplo o discurso sobre razão e loucura na Idade Média e o silenciamento dos sujeitos considerados loucos:

Penso na oposição razão e loucura. Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular com o dos outros: pode ocorrer que sua palavra seja considerada nula e não seja acolhida, não tendo verdade e nem importância, não podendo testemunhar na justiça, não podendo autenticar um ato ou um contrato, não podendo nem mesmo, no sacrifício da missa, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo (FOUCAULT, 2011. p. 11).

Foucault nos mostra que o louco da Idade Média não tem o seu discurso visto como verdadeiro, uma vez que a sua condição racional não se encaixa nos padrões determinados pela sociedade; sendo assim, o louco passa por uma condição de rejeição sendo motivo de piada pelo próprio meio social e pelas instituições, por isso acaba tendo sua voz silenciada e excluída no meio social no qual vive. Portanto, a sociedade separa o louco dos sujeitos que são vistos como racionais, pois a palavra do louco não pode ser ouvida.

No século XVIII, na era Moderna, começa-se a analisar a loucura por um outro viés, e agora médicos têm a oportunidade de ouvir o louco, porém a voz do louco continua não obtendo legitimidade.

Jamais, antes do fim do século XVIII, um médico teve a ideia de saber o que era dito (como era dito, por que era dito) nessa palavra que, contudo, fazia a diferença. Todo este imenso discurso do louco retornava ao ruído; a palavra só lhe era dada simbolicamente, no teatro onde ele se apresentava, desarmado e reconciliado, visto que representava aí o papel de verdade mascarada (FOUCAULT, 2011, pp. 11-12).

Na era moderna surgem as clínicas, onde os loucos eram aprisionados para que obtivessem tratamentos adequados. Estudos psiquiátricos começam a ser desenvolvidos entre os séculos XIX e XX para compreender como se comportavam os doentes mentais para que houvesse um tratamento adequado a eles, nessa empreitada científica surgem Pinel, Freud e

outros como estudiosos da mente humana para que possam compreender os que são considerados loucos pela sociedade, sendo assim excluídos e silenciados por não se encaixarem nos padrões impostos na sociedade.

Nas rarefações dos sujeitos (ritual da palavra, doutrina, apropriação social dos discursos etc.) há o controle de quem fala, como fala e para quem fala, pois os discursos produzidos e expostos em um determinado meio social não podem ser ditos de qualquer forma, pois passam por um procedimento de controle em que há o interesse somente naquilo que pode ser dito excluindo o que é proibido ser dito.

As relações de poder perpassam por todas as instituições sociais que ditam o que deve ser ou não dito dentro de uma sociedade, pois os discursos produzidos necessitam de um conjunto de saberes que chancelam suas práticas de produção para que os discursos possam ser selecionados e organizados ao serem expostos a um determinado grupo de sujeitos que irão recebê-los. A construção dos enunciados advém de uma estratégia e de um corpo discursivo que perpassa por ritos e costumes entrelaçados à história dos acontecimentos que se movimentam de forma cíclica.

2.3 O governo de Si e dos Outros

Em *Vigiar e Punir*, Michel Foucault discute sobre a relação de poder sobre os corpos dos prisioneiros por meio de castigos e torturas durante os julgamentos como forma de punição realizada por aqueles que tinham o poder de decisão em julgar os prisioneiros. Os atos de crueldade que eram praticados tinham como poder de persuasão mostrar a todos o que aconteceria com quem desobedecesse às leis aplicadas em determinadas regiões do continente europeu. Nessa obra, são apresentados documentos históricos que comprovam condenações e atos de tortura contra os prisioneiros em períodos em que o sistema judiciário ocidental pensava a punição de indivíduos, bem longe do que é pensado e construído discursivamente pelos Direitos Humanos na atualidade.

Foucault destaca em sua obra *O Governo de Si e dos Outros* (2010), por meio de uma aula inaugural em 5 de janeiro de 1983, a formação dos saberes e os estudos sobre as técnicas e os procedimentos a respeito da conduta dos outros. “[...] procurei colocar a questão da norma de comportamento primeiramente em termos de poder, e de poder que se exerce, e analisar esse poder que se exerce como um campo de procedimentos de governo” (FOUCAULT, 2010, p.

6). É por meio disto que o autor francês traz como exemplo em suas análises a criminalidade e as disciplinas, como destacado na obra *Vigiar e Punir*.

Roberto Machado, na Introdução de *A Microfísica do Poder*, nos mostra uma entrevista de Foucault quanto à vigilância dos prisioneiros e como isso se relaciona ao que ele discute em seus trabalhos sobre Poderes e Saberes. Foucault envereda pelos séculos XVIII e XIX e discute sobre a vigilância dos prisioneiros apresentando uma teoria sobre o poder de observação dos prisioneiros por meio do Panopticon¹³, que seria a penitenciária ideal, uma ideia concebida pelo jurista e filósofo inglês Jeremy Bentham. Para o filósofo inglês, haveria no Panopticon apenas um vigilante que conseguiria observar todos os outros prisioneiros de apenas um local.

O assunto sobre o Panopticon está centrado na ideia de vigilância dos corpos e como isso se torna importante para a prisão ocidental entre os séculos XVIII, XIX e XX. Foucault responde a um questionamento feito por Jean-Pierre Barou sobre o Panopticon:

Jean-Pierre Barou: O *Panopticon* de Jeremy Bentham foi editado no final do século XVIII, mas continuou desconhecido; entretanto, você escreveu frases surpreendentes a seu respeito como: ‘Um acontecimento na história do espírito humano’, ‘Um tipo de ovo de Colombo na ordem da política’. Quanto ao seu autor, Jeremy Bentham, um jurista inglês você o apresentou como o “Fourier de uma sociedade policial”. Para nós, o mistério é total. Como você descobriu o *Panopticon*?

Michel Foucault: Estudando as origens da medicina clínica, eu havia pensado em fazer um estudo sobre a arquitetura hospitalar na segunda metade do século XVIII, época do grande movimento de reforma das instituições médicas. Eu queria saber como o olhar médico havia se institucionalizado; como ele se havia inscrito efetivamente no espaço social; como a nova forma hospitalar era ao mesmo tempo o efeito e o suporte de um novo tipo de olhar. E, examinando os diferentes projetos arquitetônicos elaborados depois do segundo incêndio do Hôtel-Dieu, em 1772, percebi até que ponto o problema da visibilidade total dos corpos, dos indivíduos e das coisas para um olhar centralizado havia sido um dos princípios diretores mais constantes. No caso dos hospitais, este problema apresentava uma dificuldade suplementar; era preciso evitar os contatos, os contágios as proximidades e os amontoamento, garantindo a ventilação e a circulação do ar: ao mesmo tempo global e individualizante, separando cuidadosamente os indivíduos que deviam ser vigiados. Durante muito tempo acreditei que estes eram problemas específicos da medicina do século XVIII e de suas crenças (FOUCAULT, 1979, p. 115).

¹³ O Panopticon seria uma espécie de torre que ficaria centrado em uma prisão. O vigilante ficaria dentro da torre, em formato de 360°, observando todos os prisioneiros presentes em suas celas. O objetivo desse tipo de vigilância seria fazer com que os prisioneiros ao saberem que são vigiados constantemente sentissem medo de quem os vigia, pois caso se rebelassem poderiam ser punidos.

Foucault tinha como interesse estudar os espaços arquitetônicos e analisar como os saberes eram construídos dentro de um determinado ambiente, como o hospitalar, uma vez que o filósofo havia estudado, também, Psicologia, por isso o interesse em compreender o saber médico. Ele analisava como a vigilância era feita dentro dos hospitais psiquiátricos onde os pacientes eram enclausurados como uma forma de deixá-los à margem da sociedade. Após analisar a ideia do Panopticon (com um olhar focado principalmente nas prisões), ele fala sobre o uso desse monumento carcerário em escolas militares e nas prisões como uma forma de vigiar todos os indivíduos ao mesmo tempo quando estavam aprisionados. Essa ideia mostrava como a vigilância era necessária para que os indivíduos (os prisioneiros, por exemplo) pudessem cumprir as regras impostas nos espaços onde viviam.

O autor francês descreve como seria o Panopticon e o objetivo dele nas prisões, como descrito abaixo:

O princípio é: na periferia, uma construção em anel; no centro, uma torre; esta possui grandes janelas que se abrem para a parte interior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma ocupando toda a largura da construção. Estas celas têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, dando para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de um lado a outro. Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancafiar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um estudante. Devido ao efeito de contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se na luminosidade, as pequenas silhuetas prisioneiras nas celas da periferia. Em suma, inverte-se o princípio da masmorra; a luz e o olhar de um vigia captam melhor que o escuro que, no fundo, protegia. (FOUCAULT, 1979, p. 115).

A construção de um panopticon era uma das estratégias para aprisionar aqueles que deveriam estar à margem da sociedade, como os prisioneiros, os loucos, dentre outros que eram vistos como uma ameaça social, pois os saberes construídos dentro da sociedade mostravam que tais indivíduos deveriam ser condenados e aprisionados.

Estes elementos de discussão sobre a condenação dos presos correlacionam-se com a passagem de Manson por prisões, principalmente na Ilha Terminal, local onde ele viveu suas primeiras experiências como prisioneiro. Charlie possuía uma enorme ficha criminal como delinquente juvenil e “[...] como adulto ele foi julgado culpado apenas pelo roubo de carros e por uma eventual fuga de corte que o sentenciou” (GUINN, 2014, p. 73). As práticas de agressão contra os corpos dos prisioneiros eram comuns, principalmente a prisioneiros malcomportados, pois a punição era uma estratégia para que eles pudessem obedecer às regras

impostas e terem chances de obter a liberdade condicional em que os prisioneiros têm a chance de finalizar o cumprimento da pena de forma domiciliar.

Dentro da prisão, durante o final dos anos 50, Charlie dedicou-se a estudar como manipular pessoas. Ele tinha uma relação muito boa com outros prisioneiros, como cafetões, e as conversas mantidas com eles o ajudaram a compreender como deveria proceder quando tivesse a oportunidade de sair da prisão, uma vez que o falso guru pretendia ser um astro da música, e como uma pessoa famosa teria o papel de disciplinar os corpos de seus futuros fãs por meio do entretenimento e da fama, algo que é comum no meio artístico. De acordo com Guinn (2014, p. 74), os cafetões adoravam conversar com vários prisioneiros sobre suas ações de manipular e disciplinar mulheres, as quais seriam usadas como objeto de prazer sexual em troca de dinheiro, e claramente isso renderia um bom lucro. “O truque era fazê-las amar e temer o cafetão ao mesmo tempo. Charlie escutou e aprendeu” (GUINN, 2014, p. 74).

Charles Manson compreendeu que todos os ensinamentos que obtivera na prisão sobre a dominação de outros corpos seriam cruciais para suas práticas futuras e que mais tarde tornaram-se reais quando fundou sua seita no final dos anos 60 nos Estados Unidos. Nesse sentido, na esteira de Foucault, podemos ver como a análise sobre as matrizes normativas do comportamento são importantes de serem observadas para um estudo das técnicas e procedimentos cuja compreensão se liga à conduta dos outros.

[...] procurei colocar a questão da norma de comportamento primeiramente em termos de poder, e de poder que se exerce, e analisar esse poder que se exerce como um campo de procedimentos de governo. Aí também, o deslocamento consistiu no seguinte: passar da análise da norma à [análise] dos exercícios do poder; e passar da análise do exercício do poder aos procedimentos, digamos, de governabilidade. Então, aí, tomei o exemplo da criminalidade e das disciplinas (FOUCAULT, 2010, p. 6).

Neste ponto de discussão, fica claro que os exercícios de poder se desenvolvem a partir de experiências que o sujeito obtém. Foucault propõe uma análise das experiências que lhe permitiram compreender o que ele chamou de *análise histórica da pragmática de si*. Foucault discute em sua aula de 5 de janeiro de 1983 a questão relacionada à possibilidade de uma história que ele chamaria de experiências: “Experiência da loucura, experiência da doença, experiência da criminalidade e experiência da sexualidade, focos de experiência que são, creio eu, importantes na nossa cultura” (FOUCAULT, 2010, p. 7).

Em outras palavras, a matriz de experiência é o elemento base para a constituição dos processos de subjetivação. Nesse sentido, o ethos (a forma de vida expressa pelo sujeito) não é

algo inato ao sujeito; resulta de um processo de constituição que se relaciona a um contexto histórico e que é resultado de enunciações e criações sociais. A experiência em sociedade produz os sujeitos, sejam eles sujeitos da criminalidade, sujeitos da loucura, sujeitos da sexualidade.

As experiências resultantes das relações entre saber/poder colaboram na constituição da subjetividade. Segundo Foucault (2010), há uma ontologia ou emergência histórica que possibilita a aparição de determinados modos de vida graças aos deslocamentos e constituição de possibilidades que vão sendo produzidos nas matrizes de experiência e que possibilitam aos sujeitos se reconhecerem em sua subjetividade.

A partir desse entendimento sobre matriz de experiência, podemos compreender a formação de uma subjetividade em Charles Manson. Aprender truques para manipular e dominar jovens garotas com cafetões foi somente um passo inicial, pois ele aprenderia outras estratégias que o ajudariam a se tornar futuramente um (falso) guru. Enquanto cumpria pena, Manson se matricula em um curso por correspondência, em que presos tinham a chance de aprender algo que pudessem desenvolver certas habilidades por meio de atividades.

Ao fazer uma análise histórica sobre as prisões nos Estados Unidos, Guinn (2014, p. 75) argumenta que “[...] nos anos 1940 e começo dos anos 1950, o foco da prisão era a punição; lá por 1957 era a reabilitação. Na Ilha Terminal, os detentos poderiam se esforçar para adquirir diplomas do colegial, aprender mecânica e reparo de automóveis, e até mesmo ter aulas de como conseguir empregos”. Essa era uma das oportunidades que os presos teriam ao cumprir suas penas, desmitificando a ideia de que jamais teriam oportunidades ao saírem da prisão, uma vez que eram condenados judicialmente e socialmente.

Guinn (2014, p. 76) também explica que na virada da década [anos 1960] “[...] se tornaria moda para jovens procurar e seguir gurus, conselheiros espirituais que os guiariam pelo caminho do esclarecimento”. Na prisão, Charlie já tinha os seus tutores que lhe ensinaram muito sobre como manipular outras pessoas, porém havia um outro conselheiro muito importante que mudaria seu modo de pensar: Dale Carnegie¹⁴. Por meio do livro de Carnegie *How to Win Friends and Influence People* (Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas), Manson buscou a oportunidade perfeita para criar suas teorias quando formou a sua seita (Família Manson). Após as leituras da obra de Carnegie, Manson passou a organizar e gravar várias passagens do livro

¹⁴ Dale Carnegie era um famoso vendedor americano nascido no estado do Missouri em 1888. Ele ficou ainda mais conhecido nos Estados Unidos devido à publicação de sua obra de autoajuda *Como Ganhar Amigos e Influenciar pessoas*. Ele participava de palestras oferecendo lições de oratórias públicas efetivas e vendas de produtos.

para que pudesse expor em seus discursos. Na página seguinte, há a descrição da capa do livro de Dale Carnegie.



Figura 1 – Capa do livro de Dale Carnegie lido por Manson na prisão.

Fonte: Amazon.

No capítulo 5 da biografia, Jeff Guinn descreve algumas passagens da obra de Carnegie pela qual Manson é seduzido, tornando-se um discípulo de Dale. De acordo com Guinn (2014, p. 77), “[...] era como se Dale Carnegie não apenas lesse sua mente, mas recrutasse Charlie como um discípulo ao elaborar seus próprios pensamentos”. Guinn cita, inclusive, uma passagem da obra de Carnegie na qual este apresenta o que os leitores devem aprender:

Tudo o que eu ou você fazemos nasce de dois motivos: o desejo sexual e o desejo em ser o melhor.
Comportar-se de maneira amigável.
A única maneira na Terra de influenciar outro companheiro é conversar sobre o que quer e mostrar-lhe como conseguir.
A única maneira de tirar o melhor de uma discussão é evitá-la.
Você precisa usar o exibicionismo. Os filmes o fazem. A rádio o faz. E você terá de fazê-lo se quiser chamar atenção. [...] Dramatize suas ideias.
(CARNEGIE, 1888 *apud* GUINN, 2014, p. 77).

Por meio dessas passagens, Charlie teve a oportunidade de organizar suas melhores falas para conquistar seus futuros discípulos, uma estratégia que o ajudou a formar sua seita no final dos anos 1960. Dentre todos os seguidores, as mulheres tornaram-se presas fáceis para que ele pudesse usar suas estratégias de manipulação. Charles Manson possuía uma habilidade de leitura e absorção de ideias que o ajudavam a utilizar com precisão.

Foucault (2010), ao discutir sobre o pensamento de Kant¹⁵ a respeito da *menoridade*, diz que o indivíduo substitui a ação de sua consciência moral pelas autoridades [o livro, o diretor da consciência e o médico] que o sujeitam por meio dos saberes construídos. “Governo de si, governo dos outros: é nessa relação, nessa relação viciada que se caracteriza o estado de menoridade” (FOUCAULT, 2010, p. 32), isto é, o sujeito está cercado de saberes que o cercam, independentemente de sua aceitação ou não, e que o coloca frente às verdades construídas no meio no qual vive.

Em nosso próximo capítulo, apresentamos algumas reflexões sobre o messianismo e sua relação com o sujeito Charles Manson.

¹⁵ Foucault discute em sua aula em 5 de janeiro de 1983 sobre o pensamento kantiano relacionado ao *Aufklärung* [Iluminismo] e como esse movimento ajudou o homem a se desprender dos conceitos criados em séculos anteriores (Cf. *O Governo de Si e dos Outros* [2010]).

CAPÍTULO 2

3 MESSIANISMO: UM ESTUDO GENEALÓGICO

Conforme vimos pontuando, as reflexões de Michel Foucault nos auxiliam a, também, refletir sobre as mudanças por que passou a sociedade ocidental a fim de compreendermos as práticas discursivas que provocam fraturas, brechas e rearranjos nas configurações do saber-poder sobre o messianismo.

Os estudos sobre o messianismo e o Jesus histórico vêm sendo analisados por vários campos do saber como a Teologia, a Filosofia.

As fontes características do messianismo, analisadas por estudiosos da teologia, advêm do judaísmo primitivo. O termo *messias* – no cristianismo – está ligado à imagem de Jesus Cristo, um homem divino, segundo o mito cristão, que se tornou carne neste mundo para salvar o seu povo das mazelas, da escravização dos poderes políticos¹⁶ e religiosos que ditavam as regras impostas na sociedade judaica.

Estas mesmas características ocorridas no judaísmo ainda estão presentes na atualidade dentro das sociedades ocidentais em que há falsos messias – e gurus – que pregam nas ruas, nas igrejas e nos mais variados meios de comunicação (TV, rádio e redes sociais) filosofias cristãs para a obtenção de seguidores para a formação de seitas religiosas, como estratégia de recrutamento e dominação dos corpos. Segundo Chevitarese *et al* (2006, p. 11), houve um florescimento da fé no início do século XX a respeito do que se sabe sobre messias e a importância do cristianismo na sociedade ocidental, principalmente nos Estados Unidos e na América Latina. Para tanto, o autor revisita a história a respeito da preocupação religiosa – católica e protestante – durante as guerras (1ª e 2ª Guerras Mundiais e a Guerra Fria) que assolaram o mundo no início do século XX.

Com o fim da Guerra Fria [1991] e da polarização, essencialmente laica entre os modelos socialista e capitalista, as identidades religiosas tornaram-se cada vez mais marcantes e definidoras tanto dos consensos, como dos embates sociais. Nos antigos países socialistas, as identidades religiosas, que haviam sido fundamentais na luta contra os regimes comunistas laicos, mostraram-se essenciais no novo contexto, com as contraposições entre católicos e ortodoxos, entre cristão e mulçumanos, entre xiitas e sunitas, fazendo

¹⁶ De acordo com os estudos históricos, o poder político que dominava a região onde possivelmente nasceu Jesus era o Império Romano, cujo imperador era Herodes.

multiplicar as disputas fundadas, ao menos em parte, nas filiações religiosas. Também em outros contextos, como o norte-americano, movimentos cristãos multiplicaram-se, em especial os conservadores católicos e protestantes, às vezes também aliados à parte conservadora do judaísmo (CHEVITARESE *et al*, 2006, p. 11).

Nos anos 60 – anos antes do fim da Guerra Fria –, essa polarização religiosa ganhou força nos Estados Unidos por causa dos protestos juvenis que marcaram a sociedade americana, assim como a luta contra o governo americano que, segundo a juventude da época, usava estratégias para oprimir os seus cidadãos a se encaixarem nos padrões estabelecidos. Com isto, surgem no final dos anos 60 vários grupos que lutavam contra o sistema governamental americano – formado por políticos de maioria conservadora – e suas regras. Os Panteras Negras, os grupos estudantis, o Movimento Hippie e artistas americanos, por exemplo, impulsionaram um movimento contra o conservadorismo americano e a guerra do Vietnã, principal pauta ativista contra o governo americano da época.

Duas outras palavras revelam também o espírito dessa década: *contestação* e *rebelião*. Os inconformados com o mundo em que viviam estiveram em todos os segmentos sociais e em todos os cantos do planeta, não só na Ásia e na África ou na América Latina. Mas, talvez, nenhuma contestação tenha sido tão extraordinária quanto aquela realizada pela juventude. Ao lado dos *hippies* e dos jovens envolvidos em outras manifestações da chamada contracultura, explodia a rebelião dos “enragés”, os universitários engajados nos movimentos estudantis. Pacíficos ou violentos, os jovens contestaram todas as estruturas: a capitalista e a socialista. O *não* unia todos eles (PAES, 2001, p. 20).

Esses grupos faziam parte *da imaginação utópica*, em que grupos juvenis da época buscavam um mundo perfeito, sem mazelas e com oportunidades para todos.

O conservadorismo americano sempre esteve ligado à religião cristã e aos discursos sobre moral e família impostos por instituições religiosas ocidentais. Os líderes políticos e religiosos americanos possuem uma liderança unida e forte no Congresso Nacional dos EUA. Chevitarese *et al* explicam que a mídia tem uma participação forte nas discussões que envolvem questões políticas internas americanas, principalmente na publicação de materiais religiosos em que “temas religiosos, com grandes tiragens, tornaram-se um fenômeno editorial, voltadas a esse grande público das classes letradas, instruídas e com grandes recursos” (CHEVITARESE *et al*, 2006, p. 12). Grande parte desse público americano consumidor advém da classe média protestante ou católica que defende o conservadorismo na sociedade. É neste contexto que “[...]”

se insere o estudo de Jesus e das origens do cristianismo. Os pesquisadores têm se voltado, de forma interdisciplinar, para o estudo do momento central de origem e formação desse movimento social e religioso que continua mais atual do que nunca” (CHEVITARESE *et al*, 2006, p. 12).

A visão da figura de Jesus chegou a ser questionada na Idade Moderna – mais precisamente no século XVIII –, com isto vários estudiosos iluministas começam a fazer uma busca a respeito do Jesus histórico. Hermann S. Reimarus é considerado o iniciador dos estudos sobre o Jesus histórico.

De acordo com Chevitarese *et al* (2006, p. 17), Herman tentou demonstrar a descontinuidade que existiria entre o “Cristo da Fé” e “Jesus da História”. O Jesus histórico não seria um messias religioso, mas segundo o que esperavam os judeus, seria “[...] um libertador político na linha messiânica davídica”. Essa é uma análise realizada por Reimarus e foi bem recebida pelo protestantismo liberal e pelos estudiosos católicos e protestantes. “A busca continuou fundamentalmente por dois caminhos: a elaboração de uma figura válida de Jesus; e a discussão sobre a natureza das fontes para isso (CHEVITARESE *et al*, 2006, p. 17).

A partir dessa discussão sobre o Jesus histórico, surgem outros autores que alimentam teorias, com base em outras fontes, sobre a figura de Jesus. Para Albert Schweitzer, autor alemão, os estudos sobre o Jesus histórico é um dos maiores desafios na teologia alemã e “um dos eventos mais significativos em toda a vida intelectual e espiritual da humanidade” (*apud* CHEVITARESE, 2006, p. 18). Os estudos sobre a figura de Jesus (ou messias), sobre o mito de sua vida e morte continuam sendo um objeto de estudo nas mais diferentes áreas do saber.

Segundo Bultmann, as fontes cristãs não tinham interesse em estudar o Jesus do passado, mas o Cristo do presente e ressuscitado. “Eu penso de verdade que não podemos chegar a saber quase nada a respeito da vida e da pessoa de Jesus, dado que as primeiras fontes cristãs não demonstram nenhum interesse nelas, sendo além de tudo muito fragmentadas e lendárias; e não temos outras fontes sobre Jesus” (BULTMANN *apud* CHEVITARESE *et al*, 2006, p. 19). Nesta citação, fica claro que os estudos sobre o Jesus histórico dão ênfase aos escritos bíblicos em que se fala mais das obras espirituais realizadas por Jesus do que sua vida pessoal precisamente, exceto quando se trata de seu nascimento e morte nos escritos bíblicos. Não há uma linearidade na história do nascimento e morte de Jesus, ou seja, uma visão cronológica dos fatos, que registre toda a sua vida, da infância até a vida adulta. Observamos, aqui, um claro exemplo de descontinuidade, ou seja, de uma história produzida ao acaso dos acontecimentos.

No próximo tópico, é abordado o tema sobre o messianismo e o messianismo cristão, cujos estudos também analisam o termo *messias*.

3.1 Messianismo judaico-cristão

As práticas discursivas sobre o messianismo judaico-cristão são inúmeras. No Brasil, alguns autores como Sousa e Baraúna propõem importantes discussões. De acordo com Sousa (2009, p. 10), o termo *messias*

deriva do grego *messias* que, por sua vez, deriva do aramaico *mashiha* e do hebraico *mashiach* ('ungido'). O termo grego aparece no Evangelho de João (1:42; 4:25) de forma a indicar que, no período da escrita do Novo Testamento, já se inseria no contexto de um discurso com o qual pelo menos uma parcela da população judaica já se encontrava familiarizada.

Sousa propõe como análise os estudos históricos e bíblicos para compor a definição do termo *messias* destacando passagens do livro sagrado e pontuando como o termo se constitui na sociedade judaica.

O teólogo Baraúna (1994, p. 591) argumenta sobre quem é o *messias* dizendo que “[...] como homem, o *messias* provém da casa de Judá ou de Israel. A crença mais difundida e popular, ainda que não unânime, é que o *messias* será ‘filho de Davi’”. Nesta citação, Baraúna explica que o *messias* aguardado pelos judeus, com características celestiais e divinas, seria um ser sobrenatural com características humanas e não tão diferente do povo que está à sua espera. A expressão “filho de Davi” é destacada no Segundo Testamento quando o anjo Gabriel anuncia a Maria, uma virgem da cidade de Nazaré (cidade da Galileia), que em seu ventre nascerá o filho de Deus:

No sexto mês da gestação de Isabel, Deus enviou o anjo Gabriel a Nazaré, uma cidade da Galileia, a uma virgem de nome Maria. Ela estava prometida em casamento a um homem chamado José, descendente do rei Davi. Gabriel apareceu a ela e lhe disse: ‘Alegre-se, mulher favorecida! O Senhor está com você!’.

Confusa, Maria tentou imaginar o que o anjo quis dizer. ‘Não tenha medo, Maria’, disse o anjo, ‘pois você encontrou favor diante de Deus. Ficaré grávida e dará à luz um filho, e o chamará de Jesus. Ele será grande, e será chamado Filho do Altíssimo. O Senhor Deus lhe dará o trono de seu antepassado Davi, e ele reinará sobre Israel para sempre; seu reino jamais terá fim!’ (Lc 1, 26-31).

Sousa (2009, p. 14) argumenta que o messianismo é formado a partir da figura histórica de um rei que tem como missão salvar o seu povo – os judeus – das mazelas e do poder de um governo totalitário (o Império Romano).

O messias é construído, discursivamente, a partir de “[...] uma visão de um salvador super-humano que surgiria em um futuro distante e indeterminado” (TALMON, 1992, p. 82, *apud* SOUSA, 2009, p. 14). Essa análise ao termo messias ocorre por meio “[...] do realismo histórico prevalente na era das monarquias, para uma conceptualização no período do Segundo Templo, culminando com a idealização do ungido após o ano 70 d.C., quando o ‘Messias’ ocupa o lugar principal como o inaugurador da era final da salvação universal” (TALMON, 1992, p. 82 *apud* SOUSA, 2009, p. 14). Neste trecho, o messias é quem inaugura a era final da salvação. Isso remete ao fato de que no ano 70 d.C. houve uma revolta popular contra Roma, período em que Jerusalém é destruída.

Baraúna (1994, p. 592) assim descreve o messias e sua missão na terra para salvar o seu povo:

O messias fará valer os direitos de seu povo contra os opressores, traidores ou bandidos, mas também contra os pecadores que poderiam existir no interior do povo. Libertá-los-á da escravidão e da opressão; fará reinar a salvação e a liberdade em face de todos os perigos que os ameçaarem; é, com efeito, direito de Israel ser livre, rico e próspero, a primeira entre todas as nações. A justiça do messias é a salvação de seu povo; justiça e salvação identificam-se.

Nesta citação, percebemos a importância que teve a vinda do messias para a terra e como esse mito se perpetua até hoje não somente nos discursos religiosos, mas nos mais variados discursos institucionais que usam desses enunciados para a criação de um salvador que irá salvar um determinado grupo de sujeitos da opressão de um poder totalitário e cruel e da pobreza.

Os discursos produzidos sobre o messias não o apresentam apenas como um salvador, mas também como um pastor que apascentará as ovelhas e dará a vida por elas.

3.2 Messianismo e poder pastoral: produzindo subjetividades

O poder pastoral é um dos assuntos discutidos por Foucault em suas aulas no Collège de France nos anos 1970. O governo passa a ser o ponto de partida de sua análise para discutir a relação pastor-rebanho sobre o século XVI. O estudo tem como compreensão o poder do Estado sobre o seu povo a partir de uma perspectiva arqueogenealógica.

O desenvolvimento do Estado enquanto uma estrutura política, produziu uma forma de poder ao mesmo tempo individualizante e totalizadora, que se vale de técnicas de poder das instituições cristãs (pastoral), representado pela figura do pastor.

Foucault (2008) argumenta, inicialmente, em sua aula de 15 de fevereiro de 1978, que o tema sobre a relação pastor-rebanho está ligado diretamente à literatura egípcia faraônica e assíria [voltada ao povo hebreu], não sendo para os gregos um bom modelo político. No entanto, a relação pastor-rebanho tinha uma ligação com os gregos, principalmente ao se tratar das famosas obras *Ilíada* e *Odisseia* pelas quais havia toda uma série de referências que designam o rei como pastor dos povos [*poimén laôn*]. “É inegável, e creio que isso se explica facilmente, na medida em que, em toda a literatura indo-europeia, essa é de fato é uma denominação ritual do soberano, que encontramos justamente na literatura assíria; é uma denominação, é um ritual, a que consiste em dirigir-se ao soberano chamando-o de ‘pastor dos povos’” (FOUCAULT, 2008, p. 182).

Foucault (2008) analisa em sua aula sobre o conceito de pastorado a partir do poema épico anglo-saxão *Beowulf* [a autoria é desconhecida] cujo soberano, segundo o autor francês, é designado como *pastor dos povos*. A partir dessa discussão, ele explica que em textos presentes na tradição pitagórica [de origem oriental] há referências ao modelo do pastor. “O Pastor [*nómos*] é aquele que faz a lei, na medida em que é ele que distribui o alimento, que dirige o rebanho, que indica a direção correta, que diz como as ovelhas devem cruzar para ter uma boa progeneritura” (FOUCAULT, 2008, p. 183).

Esta referência sobre o pastorado pelo viés pitagórico, que advém da cultura hebraica, é apresentada nos estudos do autor alemão Gruppe [a partir de fragmentos de Arquitas], cuja explicação mostra que a metáfora do pastor não tem relação com os gregos, a não ser que haja uma influência oriental como ocorre na cultura hebraica em que há a relação do pastor com os rebanhos, pois este seria como um mestre que guia os rebanhos para o caminho correto. Nesse sentido, a metáfora do rebanho tem a ver com uma referência política pitagórica.

Durante toda sua discussão e análise sobre o pastorado, Foucault faz um questionamento como um ponto de reflexão: *o que é o homem político?* O homem político é aquele que tem o poder de comandar por meio de sua força política. “Ora, quem comanda? Claro, um rei comanda” (FOUCAULT, 2008, p. 188). Foucault nos leva a uma compreensão a partir do pensamento de Platão sobre o pastor. Platão faz duas prescrições do que seria esse pastor: “Podem-se prescrever as ordens que você mesmo dá, podem-se prescrever as ordens que o outro dá: é o que faz o mensageiro ou o arauto, é o que faz o patrão dos remadores, é o

que também faz o adivinho. Já transmitir as ordens que um mesmo dá, é evidente que é isso que o homem político faz” (FOUCAULT, 2008, p. 188). Esse poder de comando caminha em várias esferas a partir de uma hierarquização [de pastorado] como podemos perceber na análise feita por Platão.

Foucault (2008) argumenta que o pastor é aquele que tem o poder de comandar:

o homem político é o pastor dos homens, é o pastor desse rebanho de seres vivos que a população de uma cidade constitui. Em sua canhestrez evidente, é claro que esse resultado registra, se não um lugar-comum, pelo menos uma opinião familiar e que o problema do diálogo vai ser precisamente o de saber como se pode escapar desse tema familiar. (FOUCAULT, 2008, p. 189).

Foucault (2008) acredita que esse termo tem uma relação maior com o cristianismo, em que se funda a Igreja como a instituição mais importante do mundo ocidental. Ele argumenta que a Igreja é como uma instituição que aspira ao governo dos homens “em sua vida cotidiana a pretexto de levá-los à vida eterna no outro mundo, e isso na escala não apenas de um grupo definido, não apenas de uma cidade ou de um Estado, mas de toda a Humanidade” (FOUCAULT, 2008, p. 196).

Como destaca Foucault (2008 *apud* OLIVEIRA, 2019, p. 37), quando trata do pastorado hebraico, Foucault destaca que sua peculiaridade consiste em que “[...] a relação pastor-rebanho é [...] fundamentalmente [...] uma relação religiosa. As relações entre Deus e seu povo é que são definidas como relações entre um pastor e seu rebanho”. O pastorado hebraico surge como uma relação religiosa entre o Deus da Bíblia e o povo hebreu. Enquanto o pastor tem o poder de conduzir o rebanho, este submete-se à ação de ser conduzido pelo pastor.

O Deus bíblico representa o pastor hebraico. Esse Deus mostra aos hebreus a direção para seguir: “Tu conduziste com fidelidade esse povo que resgataste, tu o levaste com tua força aos pastos da tua santidade”, conforme o livro do Êxodo (15:13). O poder pastoral é a arte de governo da vida. Ao mesmo tempo em que se propõe cuidar dos indivíduos, governa suas condutas.

O poder pastoral, ao cuidar e governar condutas, implica em conduzir cuidando das necessidades. Em outras palavras, há um governo dos outros para um determinado fim. Ao mesmo tempo em que cuida das necessidades das ovelhas, o pastor restringe-as a recursos básicos de subsistência. O pastor cuida do rebanho garantindo-lhe o alimento, a saúde, a proteção dos perigos internos (doença, precipício) e sua reprodução (OLIVEIRA, 2019).

Na perspectiva foucaultiana do pastorado, o modo de governar cuidando das

necessidades parece ser peculiar à relação religiosa do povo-rebanho com o Deus-Pastor.

O rebanho deve reunir-se em torno do pastor. Deve ser dócil à sua voz quando este propuser reuni-lo, guiá-lo e de conduzi-lo para onde quiser e como lhe aprouver.

Conforme Bartolomé Ruiz (2016), governar não implica em uma atitude impositiva e sim propositiva. O poder pastoral, em sua ação de governar, deve propor um objetivo que considere os interesses do governado. “O governo é mais eficiente quanto maior for a identificação dos governados com as metas do governo e, desse modo, provocar a sua adesão voluntária” (BARTOLOMÉ RUIZ, 2016, p. 6).

O código de ética produzido pelo Cristianismo postula que alguns indivíduos podem servir a outros como pastores. Há, nesse gesto, a implicação de uma forma de poder caracterizada: a) pela pretensão de assegurar a salvação individual no outro mundo; b) por ser não apenas um poder de comando, mas um poder que aceita se sacrificar para salvar o rebanho, diferenciando-se, assim, do poder do rei, que precisa do sacrifício do súdito para salvar o trono; c) por cuidar da comunidade em seu todo e dos indivíduos em particular; d) por implicar um conhecimento pleno das pessoas e pela capacidade de dirigir a sua consciência. Essa forma de poder

é orientada para a salvação (por oposição ao poder político). É oblativa (por oposição ao princípio da soberania); é individualizante (por oposição ao poder jurídico); é co-extensiva à vida e constitui seu prolongamento; está ligada à produção da verdade - a verdade do próprio indivíduo (FOUCAULT, 2009, p. 237).

O poder pastoral, como estratégia política, percorre espaços religiosos e transforma líderes em manipuladores. Dentro do Rancho Spahn, ambiente onde vivia Charles Manson e seus seguidores, havia regras a serem cumpridas e atividades a serem desenvolvidas a partir das orientações de Manson. Mas Charlie seria mesmo como um pastor e um mestre dentro da seita? Que tipos de cuidados ele tinha para com os seus seguidores?

Na biografia sobre Manson, Guinn (2014) argumenta que o antigo estúdio de gravação dos filmes de faroeste, o Rancho Spahn, era o lugar perfeito que Manson procurava para agregar os seus seguidores, local onde ele poderia expor suas teorias [como a do Helter Skelter] e transformar seus discípulos em massa de manobra para a manipulação. Uma de suas seguidoras, Lynne Fromme [conhecida como “Squeaky”], uma das mais fiéis, mantinha relações íntimas

com o dono do rancho, George Spahn, como um meio de pagamento para que os integrantes da Família pudessem permanecer naquele lugar.

Charles Manson tratava suas seguidoras como empregadas; elas deveriam ser obedientes aos seus comandos, caso contrário, poderiam ser punidas por qualquer atitude que tivessem com o seu líder, o que claramente contraria os saberes produzidos sobre o que é ser um pastor. Para Lynne, servir seu mestre seria uma dádiva, pois Charlie havia ensinado a ela que “todo tipo de amor era válido” (GUINN, 2014, p. 187). Além de exercer forte influência sobre seus seguidores, Charles Manson possuía e exercia sobre eles um poder de persuasão. Ele era visto como o mestre, como um pastor que orienta o seu rebanho, um líder supremo dentro da comunidade rural como apresentada na imagem abaixo.



Figura 2 – Imagem do Rancho Spahn, antigo estúdio de filmes de faroeste que se tornou a moradia de Charles Manson e seus seguidores. Fonte: Aventuras na História.

Partindo desse ponto de análise da biografia sobre Manson, podemos fazer uma correlação com o procedimento de análise sobre a figura do pastor. Segundo Foucault (2008), ser pastor é ser o único líder que comanda todo um rebanho, pois nunca “há vários pastores por rebanho. Um só” (FOUCAULT, 2008, p. 190).

Há outra passagem da biografia em que Charlie era a partir de então considerado o líder supremo por seus seguidores trazendo à tona a imagem de um pastor de rebanho que não deve ser contestado, mas adorado. Na passagem descrita por Guinn (2014), Manson tem uma discussão com Flynn, um de seus seguidores para quem o rancho deveria ser dominado por todos que ali estavam, porém Charlie não estava gostando disso e não cogitava em hipótese alguma outra liderança no rancho, a não ser a dele. Guinn descreve a passagem em que Manson demonstra porque era o líder supremo da seita:

Certo dia, Flynn queria todos [os seguidores] de pé, trabalhando, mas Charlie, no entanto, mandou que fossem para o salão do set de filmagens, fazendo com que se sentassem para que ele pregasse o seu sermão. Flynn, cujo temperamento às vezes era terrível, esbravejou e foi em direção a Charlie para atacá-lo. Eram fisicamente opostos. [...] Flynn chegou até o rosto de Charlie, elevando-se sobre ele e gritando. Calmamente, Charlie pegou um maço de cigarros, riscou um fósforo e acendeu um cigarro. Então, olhando Flynn direto nos olhos, ele segurou o fósforo em chamas contra a fina pele de seu próprio pulso e então um mau cheiro peculiar de carne queimada se espalhou pelo ar. Charlie nem ao menos piscou. Ele calmamente disse para Flynn: ‘Sabe, irmão, não há nada como a dor’. Totalmente murcho, o pesado rancheiro [Flynn] afastou-se e a Família foi lembrada por que Charlie Manson era seu líder incontestável. (GUINN, 2014, p. 189).

Charlie tinha como habilidade demonstrar a todos da Família o porquê ele deveria ser o líder da comunidade. Mas não somente isso lhe interessava, mas a recompensa que teria ao ser um líder supremo na comunidade: o poder de obter vantagens monetárias. Manson continuava recrutando mais jovens para a sua comunidade, mas para isso todos que quisessem fazer parte da seita deveriam ter seus objetos e posses confiscados pelo próprio Charlie. Nesse sentido, ele oferecia aos seguidores mais antigos cargos de supervisão para que pudessem supervisionar quem estava chegando na comunidade pela primeira vez. Quanto ao recrutamento, a palavra final sempre era de Charlie; “[...] se ele não achasse que um candidato era aceitável, não importaria o que os outros pensassem. Uma vez que alguém era aceito no rebanho da Família, havia um período de transição no qual Charlie colocava o recém-chegado sob supervisão de um dos veteranos – Pat, Susan, Mary, Squeaky ou Little Paul Watkins” (GUINN, 2014, p. 189).

Sendo líder da comunidade, Charlie tinha o poder de comando e controle sobre seus fiéis seguidores que o idolatravam por sua maneira de saber confrontar a todos por meio de sua oratória. Para Charlie, segundo Guinn (2014), era importante que todos os seguidores trabalhassem e se ocupassem de tarefas, pois trabalhar não permitia que pensassem ou

questionassem qualquer coisa que ocorria dentro da Família. Não havia pausas para almoço, só havia café da manhã e jantar, após isso, no período da noite, ele orquestrava sessões de LSD; doses do ácido eram passados a todos os seguidores de mão em mão. Depositar a droga na boca de seus seguidores era uma estratégia para dominar cada um com suas práticas. Ele se comparava a Jesus e dizia ser o messias encarnado. Tudo isso não passava de charlatanismo para convencer a todos de que ele era a salvação para o grupo.

Como pudemos observar neste tópico, a relação do pastor com o seu rebanho tem uma relação com o poder de dominação, pois o pastor é visto como o guia, o que governa o seu rebanho. Essa prática discutida por Foucault ajuda a compreendermos como essas práticas de si e dos outros fez parte da seita de Manson que não permitia em sua comunidade qualquer questionamento sobre seus atos e discursos frente aos seu rebanho no Rancho Spahn. Foucault nos faz refletir como as práticas discursivas de um pastor sobre seu rebanho subjetiva a todos que fazem parte de um determinado grupo social.

3.3 O messianismo no contexto americano

Os Estados Unidos, desde o fim do século XIX, ganhou espaço em vários aspectos que vão desde o econômico ao cultural e tem influenciado várias culturas ao redor do planeta. Quanto ao aspecto religioso, mais precisamente cristão, o protestantismo americano obteve uma força favorável em vários âmbitos sociais, principalmente no espaço político comandado por maioria conservadora durante anos.

Os saberes construídos sobre a América ser a nação escolhida por Deus sempre foram institucionalizados na sociedade americana se tornando uma verdade aceita por grande parte da população que vive nos Estados Unidos. Nos discursos políticos não é diferente, pois o nome de Deus é comumente dito nos discursos de posse de vários políticos que passam pela Casa Branca, sede do governo americano. No discurso que fez no congresso americano em 2003, o presidente George W. Bush deixa pistas de como é possível analisarmos a marca do patriotismo e do cristianismo americanos dentro do contexto messiânico. Vejamos abaixo tal discurso proferido pelo ex-presidente americano:

A América é uma nação forte e digna no uso de sua força. Nós exercitamos o poder sem vanglória e nos sacrificamos pela liberdade de estranhos. Os americanos são um povo livre, que sabe que a liberdade é um direito de cada pessoa e o futuro de toda nação. A liberdade que temos não é um presente da

América para o mundo, é um presente de Deus para a humanidade. (DORNELES, 2007, p. 2).

No discurso de Bush, podemos analisar que o presidente dos Estados Unidos destaca a força de influência que a nação tem ao redor do mundo; o orgulho do direito de liberdade que os cidadãos do país buscam e aceitam; e a certeza de que tudo isso que os americanos possuem é um presente de Deus enfatizando, assim, o poder divino como responsável pelo fortalecimento da nação vista como eleita para governar o mundo e proteger cidadãos de outros países, como uma alusão à guerra no Iraque em razão ao 11 de setembro de 2001. Já em seu discurso de posse, em 2005, George W. Bush enfatiza o porquê da América ser um território privilegiado e abençoado por um poder divino:

Nós proclamamos que todo homem e toda mulher nesta terra têm direitos, e dignidade, e valor incomparável, porque eles trazem a imagem do Criador do céu e da Terra. [...] Com nossos esforços, nós acendemos uma chama também, uma chama na mente dos homens. E ela aquece aqueles que sentem seu poder, queima aqueles que combatem seu progresso, e um dia esse fogo indomável da liberdade vai atingir os recantos mais obscuros do nosso mundo. (DORNELES, 2007, p. 2).

Mais uma vez em seu discurso ele traz a importância da liberdade que a sociedade americana precisa para que continue progredindo, mas que isso só permanece se houver a ligação do homem e da mulher com Deus, pois são a imagem d'Ele. De acordo com Dorneles (2007, p. 2), as palavras de Bush e de outros presidentes em seus discursos políticos “dão eco a valores e mitos da natureza originalmente religiosa, os quais constituem o próprio âmago da cultura americana. Evidenciam um claro messianismo, o qual os americanos se sentem chamados e legitimados a exercer em relação ao restante do mundo”. Fica claro que por ser considerada a nação “escolhida” por Deus, a América teria como dever proteger seus cidadãos de qualquer ameaça e destruir possíveis inimigos que pudesse tentar derrubar tal Estado.

O messianismo americano está sempre presente em cerimônias públicas e discursos políticos, principalmente em conflitos de guerra, como uma estratégia de defesa e ordem contra aqueles que são a favor do totalitarismo e contra a liberdade. Nesse sentido, “é usado para legitimar ações violentas, para motivar soldados e para lembrar o papel da América como guardiã da liberdade humana” (DORNELES, 2007, p. 3).

O sistema político americano volta-se para uma utopia de uma América perfeita e digna, de uma nação que tem como papel apaziguar os conflitos e derrubar sistemas ditatoriais;

para isso, a necessidade de exercer um papel religioso e mítico como um caminho para a construção de uma nação eleita e abençoada, uma espécie de Canaã, a terra prometida descrita na Bíblia Sagrada. O saber político e cristão pregados nos discursos mencionados anteriormente nos fazem refletir sobre a arte de viver que é discutido por Foucault em sua obra *Subjetividade e Verdade* em que ele argumenta sobre a aprendizagem por meio do ensino e que “nessas artes de viver, a presença do outro, suas palavras, sua autoridade são evidentemente indispensáveis” (FOUCAULT, 2016, p. 31). O autor francês conclui que essa arte de viver o sujeito não somente aprenda, mas interiorize aquilo que aprendeu para que possa refletir sobre o que lhe foi ensinado.

A relação do messianismo com os discursos políticos entrecruza com o contexto social americano por meio da história e cultura americana. Para compreendermos melhor essa relação, é necessário entendermos como as práticas discursivas do presente têm relação com o passado; para isso, precisamos fazer uma busca no interior da memória. De acordo com Lotman (ibid, p. 160 *apud* DORNELES, p. 4), “[...] cada cultura define seu paradigma de que se deve recordar (isto é, conservar) e do que se deve esquecer”. No interior da memória tudo pode ser esquecido ou lembrado em razão de um discurso ideológico ou de um sistema dominante de uma sociedade. Por meio da memória coletiva, podemos claramente observar que o esquecimento ou preservação de uma memória se torna uma luta travada principalmente por um aparato religioso, educacional, midiático entre outros.

O messianismo americano tem como ponto de partida o símbolo histórico referente ao Novo Mundo, lugar visto como um paraíso na Terra e que passa a ser admirado por aqueles que vivem no Velho Mundo (Europa, Ásia e África). Nesse sentido, temos a figura de Cristóvão Colombo que, segundo Milà (2004, p. 4 *apud* DORNELES, 2007, p. 6), “[...] acreditou na existência de um continente que ainda não conhecia a mensagem de Jesus Cristo”. Dentro da história, Colombo é conhecido como um dos grandes navegadores europeus que chegou à América no século 15. De acordo com Dorneles (2007), Colombo era influenciado por teorias milenaristas de Joaquim de Fiore. Tais teorias discutiam sobre um paraíso perdido na terra que só seria descoberto pela vontade divina, e quando descoberto seria necessária a conversão de pagãos, caso houvesse no território, ao cristianismo.

O adjetivo *novo* referido às novas terras até então “descobertas” teria a ver com a passagem Bíblica sobre a Nova Jerusalém que seria implantada após o Apocalipse, crença cristã milenarista relacionada à visão de João sobre o paraíso mostrado por Deus, de acordo com as escrituras. Essa busca por um lugar perfeito, trouxe a possibilidade de muitos europeus durante

os séculos XVI e XVII a viajarem para a América. Grupos cristãos (protestantes), que eram ameaçados e perseguidos na Inglaterra naqueles períodos, conhecidos como peregrinos, se sentiram obrigados a fugir para as novas terras para se protegerem, assim muitas colônias formadas por peregrinos foram construídas nos Estados Unidos nos referidos séculos. De acordo com Dorneles (2007, p. 8), “um desses grupos chegou a Massachussetts em 1620, liderados por John Robinson, William Brewster e William Bradfort, religiosos de formação escolar desenvolvida. Em 21 de novembro desse mesmo ano, eles firmaram o chamado ‘Mayflower compact’, em homenagem ao navio que os trouxe do velho mundo, o Mayflower, comprometendo-se a seguir ‘leis justas e iguais’”.

Muitas cidades americanas, principalmente as menores, têm uma relação muito forte com o sistema religioso e o puritanismo pregado pelos peregrinos. Na cidade onde Charles Manson viveu por muito tempo, McMechen, havia a igreja que sua avó frequentava que, segundo Guinn (2014, p. 65), foi “originalmente fundada em 1907 como uma coalizão de conservadorismo, as ‘santificadas’ igrejas, a Igreja nazarena logo foi estabelecendo seus enclaves através do país”. O autor também explica que a fé fundamentalista era frequente na região e que era comum a participação dos moradores da cidade irem à igreja nos domingos, inclusive a família de Manson.

O conceito messianismo americano tem relação direta com a história e o aspecto social americano desde a fundação dos Estados Unidos com ida de vários colonos europeus cujo pensamento estava relacionado à terra prometida. As novas perspectivas de vida e trabalho, assim como a construção de comunidades religiosas (cristãs protestantes) em várias cidades americanas, tornaram-se importantes para a construção histórica, política e social da América. Os discursos políticos são formados por meio de uma memória que produz como efeito a aceitação por grande parte da sociedade americana com relação à religiosidade empregada por vários séculos desde a fundação dos EUA.

Para compreendermos mais o que discutimos neste capítulo, recorreremos a Veyne (1998), que defende a necessidade de problematizar o processo pelo qual os objetos são naturalizados, por meio da proposta metodológica de Foucault com seu conceito de *práticas*. Conforme destaca Veyne, ao recorrer a Foucault, os objetos não existem em sua origem, mas por meio de práticas de objetivação e de subjetivação. Assim, os objetos seriam correlatos de práticas, não existindo em uma essência. A prática é o fazer, e “o objeto se explica pelo que foi o fazer em cada momento da história” (VEYNE, 1998, p. 257). Em outras palavras, não haveria um objeto completamente original, mas somente práticas de objetivação e, de modo imanente,

de subjetivação. Assim, podemos dizer que o objeto *messias* é resultado de práticas de objetivação e subjetivação em diferentes momentos da história.

No capítulo seguinte, faremos uma abordagem sobre a objetivação do sujeito Charles Manson.

CAPÍTULO 3

4 O CONCEITO DE AUTORIA

A produção de um livro requer um trabalho minucioso de quem o está produzindo. Neste capítulo iremos dissertar sobre o conceito de “autor” na perspectiva de Roland Barthes (1968) e Foucault (1992) para que possamos compreender como se dá o processo de produção de um livro ou obra.

4.1 A morte do autor.

Roland Barthes, em seu ensaio “A morte do autor” (1968), buscou analisar como na modernidade e contemporaneidade o “autor”, que até então tinha domínio daquilo que escrevia, passa a ser apagado com a chegada do “leitor”, que faz a leitura de uma obra e sua própria interpretação daquilo que leu resultando na “morte” do autor, ou seja, o leitor passa a ter domínio daquilo que é escrito pelo autor. Sendo assim, a expressão *o que o autor quis dizer* não teria mais sentido, pois até este [o autor], independentemente de ter ou não uma intenção quanto ao que escreve, não possui mais o domínio de sua escrita, bem diferente do se pensava no início da Idade Média. Para Barthes (1968 *apud* SOUZA, 2017), ter domínio do que se escrevia era sinônimo de autoridade, tirania e aprisionamento.

Em seu ensaio sobre a morte do autor, Barthes faz uma reflexão quanto à produção textual daquilo que é escrito pelo autor e que tal escrita não é algo novo e exclusivo, mas que já advém de outras produções e reflexões de quem este autor leu e reproduziu. “[...] um autor baseia-se em referências e ideias anteriores a sua escrita, e que não dependem do autor para passarem a existir” (BARTHES, 1968 *apud* SOUZA, 2017, p. 143).

Na Antiguidade e no início da Idade Média, as obras não eram marcadas por um único autor, mas por uma pluralidade de autores que tinham a liberdade de reorganizar uma mesma história contada de diversas formas como ocorria com os contos de fadas na Europa, as histórias surgiam nas aldeias e percorriam vários lugares do continente. “As histórias estavam em contínuo processo de criação, os contadores tinham o direito de decidir, segundo a sua própria vontade, o que acrescentar, melhorar ou modificar” (CAVALHEIRO, 2008, p. 68), isto é, os textos até o início da Idade Média não possuíam um autor específico, pois um mesmo texto possuía várias interpretações e vários modos de produção.

No decorrer da Idade Média isso muda, pois surgem movimentos que estabelecem a identidade da autoria. Na época, a Igreja era o poder político na Europa e as produções textuais e livros [religiosos] eram de responsabilidade do clero que tinha os mosteiros como ambientes de produções de obras que a própria Igreja tem autoridade em produzir, uma vez que não havia ainda a imprensa, criada por Gutemberg somente anos depois. Naquele período, por conta da censura, livros heréticos eram queimados e os autores eram condenados pelas autoridades religiosas e políticas, cujo poder dava liberdade para condenar aqueles que se apresentassem contra o sistema. “Para identificar e condenar os responsáveis pela transgressão, era preciso designá-los como autores – quem era incumbido pela assinalação dos transgressores e dos nomes dos autores eram as autoridades religiosas e políticas” (CAVALHEIRO, 2008, p. 68). As transgressões e condenações eram muito comuns após a constituição da figura do autor quanto à produção de uma obra, uma vez que o conceito de autoria na tradição literária depositava uma grande importância no autor e em sua autoria.

Nessa relação autor-autoria, Barthes (1968 *apud* SOUZA, 2017) explica em seu ensaio que as produções escritas não possuem uma única autoria, pois o texto torna-se neutro e o leitor passa a fazer parte desse processo de produção a partir de sua interpretação dando origem ao “nascimento” do leitor e a “morte” do autor. Barthes faz a seguinte reflexão:

O leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhum se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode ser mais pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia; ele é apenas esse alguém que mantém reunidos em um único campo todos os traços de que é constituído o escrito (BARTHES, 1968, p. 70 *apud* SOUZA, 2017, p. 144).

A morte do autor deu espaço para o nascimento do leitor como aquele que agora tem o poder de ler, interpretar e analisar o contexto de produção do texto produzido. As marcas do autor como detentor de seu próprio texto são deixadas na Antiguidade e no início da Idade Média dando lugar para um novo contexto sobre a quem uma obra pertence [leitor], deixando de lado a autoria de um sujeito escritor, como pensa Barthes.

No tópico a seguir, seguindo a lógica do que foi discutido sobre a morte do autor, será destacada a noção do que é um autor e como isso está entrelaçado com a relação autor-leitor na visão de Michel Foucault.

4.2 O que é um autor?

Na obra *O que é um autor* (1969), Michel Foucault discute sobre a noção de *autor* a partir de uma análise sobre os discursos presentes no interior de uma produção textual. Ele analisa a ideia de autor em uma perspectiva discursiva e das marcas subjetivas presentes nas produções das obras que são consolidadas por meio da escrita. “Foucault observa que há uma espécie de regra imanente que domina a escrita como prática. Essa regra pode ser especificada mediante dois grandes temas da escrita: *o tema da expressão e o tema da morte*” (CAVALHEIRO, 2008, pp. 68-69). Para Foucault, não importa quem escreve ou produz um texto, mas como isso se consolida a partir de um conjunto de discursos presentes na produção escrita.

Outro ponto de discussão é sobre o deslocamento do autor, pois o leitor teria a liberdade de compreender o texto a partir da produção discursiva presente na obra escrita, isto é, o autor não teria autoridade sobre a sua produção textual, sendo o leitor o “juiz, o poder policial encarregado de verificar a autenticidade da assinatura e a consistência do comportamento daquele que assina” (FOUCAULT, 1992, p. 14), isto é, o leitor passa a ser aquele que busca saber como se dá o deslocamento da escrita produzida e do discurso presente no interior do texto.

Conforme destaca Possenti (2002, p. 107), uma noção relevante com que opera Foucault para a compreensão de como certos textos são postos em circulação e fazem sentido em nossa sociedade é a noção de autor que se constitui segundo um correlato da obra. Ou seja, não há autor sem uma obra que possa estar associada a ele (não há autor sem obra e não há obra sem autor). Nessa direção, é a noção de autor que possibilita que se fale de uma obra, considerando a propriedade que as obras têm ou teriam. É a figura do autor que dá unidade a uma obra. Vale lembrar que, em Foucault, a noção de autor é discursiva. Em outras palavras, significa dizer que

[...] (o autor é de alguma forma construído a partir de um conjunto de textos ligados a seu nome, considerando um conjunto de critérios, dentre eles sua responsabilidade sobre o que põe a circular, um certo projeto que se extrai da obra e que se atribui ao autor etc.) [...] a noção de autor está revestida de traços históricos variáveis, que têm a ver em grande parte com o modo pelo qual são vistos e considerados os diversos discursos em diferentes épocas em cada sociedade (por exemplo, quando se constrói uma figura de poeta como se constrói uma de filósofo ou de cientista etc.).

É clara, em Foucault, a ideia de que há textos com e textos sem autoria:

[...] poder-se-ia dizer que há, em uma civilização como a nossa, um certo número de discursos que são providos da função autor, enquanto que outros são dela desprovidos. Uma carta particular pode ter um signatário, ela não tem autor; um contrato pode ter um fiador, ele não tem autor. Um texto anônimo que se lê na rua em uma parede terá um redator, não terá um autor. A função autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade. (FOUCAULT, 1969, p. 274).

Quanto ao tema da morte do autor, Cavaleiro (2008) argumenta que “a escrita conferiria a imortalidade ao herói, caso aceitasse morrer jovem, exemplo das narrativas e epopeias dos gregos; ou então, a escrita adiaria a morte, exemplificado pela narrativa de Xerazade” (CAVALHEIRO, 2008, p. 70), ou seja, o sujeito não é mais aquele que fala, mas a linguagem que fala por ele. Nesse sentido, Foucault (1992) argumenta que a crítica que relaciona o autor com a obra tem como preocupação fazer uma análise da obra na sua estrutura assim como nas suas relações internas. Após analisar o sentido do que seria então a “obra”, Foucault diz que esta palavra [“obra”] e “a unidade que a designa são provavelmente tão problemáticas como a individualidade do autor” (FOUCAULT, 1992, p. 39).

Em *A ordem do discurso* (1970), Foucault argumenta que o *autor* não é entendido como um sujeito falante, mas a coerência produzida em seu discurso escrito, por isso a importância de se compreender o conceito de *autor* se dá pela forma que é constituído dentro de um texto:

a função do autor não cessou de se esforçar: todas as narrativas, todos os poemas, todos os dramas ou comédias que se deixava circular na Idade Média no anonimato ao menos relativo, eis que, agora, se lhes pergunta (e exigem que respondam) de onde vêm, quem os escreveu; pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. O autor é aquele que dá à inquietante linguagem de ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real (FOUCAULT, 2011, pp. 27-28).

Segundo esta citação, as autorias das obras eram reduzidas ao silêncio na Idade Média e na Renascença, e a partir da Idade Moderna, durante o Iluminismo, os autores tiveram a oportunidade de ser reconhecidos por suas produções escritas, ideia permanente na atualidade. Agora, o autor possui uma representatividade na produção de suas obras marcando, assim, sua identidade por meio de sua assinatura e reconhecimento na publicação da materialidade. Nesse sentido, Foucault (1992, p. 45) nos traz a seguinte afirmação sobre o autor: “Chegaríamos

finalmente à ideia de que o nome de autor não transita, com o nome próprio, do interior de um discurso para o indivíduo rela e exterior que o produziu, mas que, de algum modo, bordeja os textos, recortando-os, delimitando-os, tornando-lhes manifesto o seu modo de ser ou, pelo menos, caracterizando-lho [Sic]”. A função do autor tem a ver com o seu modo de existência e com a circulação [em funcionalidade] de alguns discursos dentro de uma sociedade.

Vale destacar, nesta pesquisa, o que pontua Foucault, em seu livro *A arqueologia do saber*, e já mencionado por nós em nosso capítulo intitulado *A análise do discurso em Michel Foucault*, quando discute o enunciado e sua relação com o conceito de formação discursiva e as condições de existência desta. Retomemos aqui brevemente.

Ao discutir o enunciado, Foucault (2012) destaca que há aqueles que pertencem a uma determinada área ou ordens de discursos. Cabe descrever, dentre a massa de enunciados que pertencem a uma unidade de discursos, o sistema de dispersão que o rege e uma regularidade entre elementos desse sistema de dispersão. A regularidade entre enunciados vai caracterizar a formação discursiva que, por sua vez, possui certas condições para existir. Uma das condições são as modalidades enunciativas. De que lugar vêm as formas de enunciado, como se encadeiam, que determinismo existe entre uns e outros enunciados? Qual o *status* do sujeito que enuncia e de que lugares ele enuncia? O *status*, segundo Foucault (2012), sofre modificação ao longo do tempo e se define pela situação ocupada tendo em vista os domínios ou grupos de objetos: o sujeito questiona, observa, se posiciona em relação aos fenômenos que observa.

Na análise proposta, as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de *um* sujeito, manifestam sua dispersão nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala (FOUCAULT, 2012, p. 61).

Essas considerações sobre as modalidades enunciativas nos permitirão analisar o(s) lugar(es) ocupado(s) por Guinn, na obra *Charles Manson*, a biografia.

Antes dessa análise, apresentamos, no tópico a seguir, o conceito de biografia.

4.3 O conceito de biografia

As obras biográficas são produções que advêm de um conjunto de produções textuais que objetivam e subjetivam o sujeito biografado. Uma biografia contém a história do sujeito, o

depoimento de pessoas [familiares, amigos, vizinhos etc.] e documentos que resgatem a memória do biografado, que pode ou não oferecer sua permissão para a publicação de tal obra; a obra biográfica pode ser classificada como autorizada ou não autorizada.

A biografia [bio: vida/graphein: escrita; escrita sobre a vida] tornou-se um objeto de estudo historiográfico que tem como papel descrever sobre o passado de pessoas que são biografadas geralmente como heróis ou heroínas de uma sociedade. De acordo com Borges (2005 *apud* ALVES, 2014, p. 294), “a biografia é uma narrativa oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma personagem ou personagem”. Borges completa que além de ser uma narrativa sobre pessoas, também é uma narrativa de um conjunto de narrativas de pessoas importantes e as aventuras de um personagem. Nesse sentido, como é organizada uma biografia? Como o sujeito biografado é objetivado pelo biógrafo?

A história do *gênero biografia* se liga à historiografia do século XIX e que tinha [e tem geralmente] como propósito enaltecer o biografado, isso se dá pelo papel que é feito pelo biógrafo e historiador que busca investigar sobre a vida de quem ele biografa. Schawarcz (2013) explica que as histórias dos reis, rainhas, príncipes e senadores eram as mais recomendadas para a produção de uma biografia, principalmente quando havia o falecimento de um destes.

O gênero Biografia foi amplamente desenvolvido no Brasil, por exemplo, por meio do Instituto Histórico e Geográfico que tinha como objetivação enaltecer o Império. “Só se faziam estudos de grandes vultos, assim como era prática do estabelecimento fazer biografia ‘dos outros próceros [importantes/ eminentes]’ e ‘dos da casa’”. Assim, ao lado das trajetórias de reis, rainhas, governadores gerais, literatos da fama, realizavam-se, no dia a dia da instituição, relatos biográficos sobre os sócios locais” (SCHWARCZ, 2013, p. 54). O interesse de biografar partia do Império que tinha como interesse apresentar ao público sobre uma vida “perfeita” que não existia, uma utopia sem tamanho que tinha como objetivo a exaltação do biografado.

Em tempos recentes a biografia e a história perpassam por um conjunto de contraposições que tem como oposição ao indivíduo a sociedade, o individual ao coletivo, o social ao particular, a estrutura ao contexto, a ação individual a ação coletiva. “Nessa rede de dualidades tensas, oscilamos entre ver o personagem como apenas a reiteração de impasses sociais e ligados ao seu grupo, ou ao contrário, em buscar nele um caso único, particular e afeito a uma memória de si” (SCHWARCZ, 2013, pp. 54-55). A autora explica que o personagem biografado dentro do círculo social no qual vive tem sua vida relacionada ao grupo ao qual pertence e que a sua história e memória transcrita tem a ver com o meio social que vive.

Por meio desse pensamento crítico, não podemos deixar de lado a discussão sobre a relação do sujeito com o meio no qual ele vive. Quando escrevemos uma biografia, não deixamos de lado o contexto social e o grupo ao qual o sujeito biografado pertence, a sua história é ligada a uma trajetória: “trajetória de relações – do indivíduo em relação ao grupo em seus diversos campos sociais, como pretende Bourdieu –, mas também trajetória de geração, como mostra Schorskeem seu trabalho sobre Viena no final do século” (SCHWARCZ, 2013, p. 56). Bourdieu sugere uma trajetória a partir do que ele pensava sobre *influência* e *subordinação* dentro de uma estrutura de poder; ou seja, a trajetória de um biografado não teria somente uma relação com o meio social, mas também com os mecanismos de poder que são constituídos no meio no qual está inserido.

Para Bourdieu (*apud* SCHWARCZ, p. 57), “o conceito de ‘trajetória’ implicaria objetivar as relações entre os agentes [envolvidos no processo biográfico], sem deixar de lado suas forças em campo”, isto é, a relação entre biógrafos e biografados teria em comum a relação dos campos de força individuais e demais grupos sociais em concorrência.

Por um bom tempo a biografia tradicional tinha como papel exaltar as histórias de aventura dos heróis, pois o papel das biografias era mostrar aos leitores as trajetórias de homens e mulheres do passado e seus feitos heroicos no meio social no qual viviam como um privilégio para a obtenção de reconhecimento da sociedade. Quanto à biografia literária, o biógrafo possui maior liberdade de escrita deixando sua imaginação fluir ao recorrer à ficção tornando a narração mais impactante e emocionante.

Peter Burke (1997) faz uma crítica à produção de biografias produzidas na era renascentista em que havia textos biográficos cheios de anedotas [textos breves com características sarcásticas], pois elas não desenvolviam a personalidade de quem era biografado, “frequentemente ignoram a cronologia e em geral introduzem materiais aparentemente irrelevantes, dando uma impressão de ausência de forma” (BURKE, 1997, p. 84).

A Itália do século XVI vivia a era renascentista na qual vários artistas italianos (Michelangelo, Rafael, Leonardo da Vinci etc.) ficaram famosos por suas belas esculturas e pinturas que até hoje são importantes obras de arte que ficam marcadas na memória da cultura italiana e mundial. Burke (1997) argumenta que nesse período a biografia teve grande relevância graças à paisagem cultural italiana.

Giorgio Vasari tornou-se um dos mais importantes biógrafos do Renascimento escrevendo sobre as grandes obras dos famosos artistas em seu livro *Vite dei più Eccellenti Pittori, Scultori ed Architetti Italiani* (Vida dos mais Importantes Pintores, Escultores e

Arquitetos Italianos) de 1550. As produções biográficas italianas ultrapassaram fronteiras e começaram a incentivar outras produções ao redor do mundo naquela época.

José van de Besselaar (1968 *apud* ALMEIDA, 2014) desenvolve uma classificação para biografias por meio de tipologias divididas em quatro grupos: biografias moralistas, hagiografia, autobiografia e vida romanceada. As *biografias moralistas* tinham Plutarco como representante e tinham como característica a moralidade dos biografados em que estes tinham algo a ensinar tornando-se heróis na antiguidade. A *hagiografia*, praticada tanto na antiguidade quanto na era medieval, tinha como propósito dar glória a Deus por intermédio de seus santos, que deu grande importância à Igreja Católica. A *autobiografia* não tinha existência na antiguidade clássica, pois seus autores não tinham a intenção de se expor e por isso ficavam no anonimato. E a *vida romanceada* não podia ser confundida, segundo Besselaar, com histórias “perfumadas” que perpassavam pela imaginação falsificando o que era real. Segundo Besselaar (*apud* ALMEIDA, 2014, p. 297), “a vida romanceada mantinha o interesse do público pela vida do biografado e atraía o leitor a entrar em contato com esse personagem”.

Vimos como o processo de produção deu-se ao longo dos tempos, perpassando pela Antiguidade, pelas eras Medieval e Renascentista se tornaram objetos de análise nos últimos anos por diversos autores e historiadores. A relação biografia e biografado tem uma grande relação com o espaço social na qual ambos vivem e o quanto isso nos faz refletir sobre como o trabalho da história possui grande relevância para compreendermos como os personagens de biografias são retratados em diferentes épocas.

Escrita em terceira pessoa, a função-autor biógrafo conta os fatos da vida do biografado seguindo a ordem dos acontecimentos ocorridos conforme as fases da vida – infância, adolescência, fase adulta.

Após essa breve abordagem sobre biografia, segue no próximo capítulo uma apresentação sobre a produção da obra *Charles Manson, a biografia* (2014) e como Jeff Guinn objetiva o personagem biografado e, também, como se dá a estrutura documental da obra.

CAPÍTULO 4

5 MODOS DE OBJETIVAÇÃO DO SUJEITO CHARLES MANSON

5.1 A biografia de Charles Manson

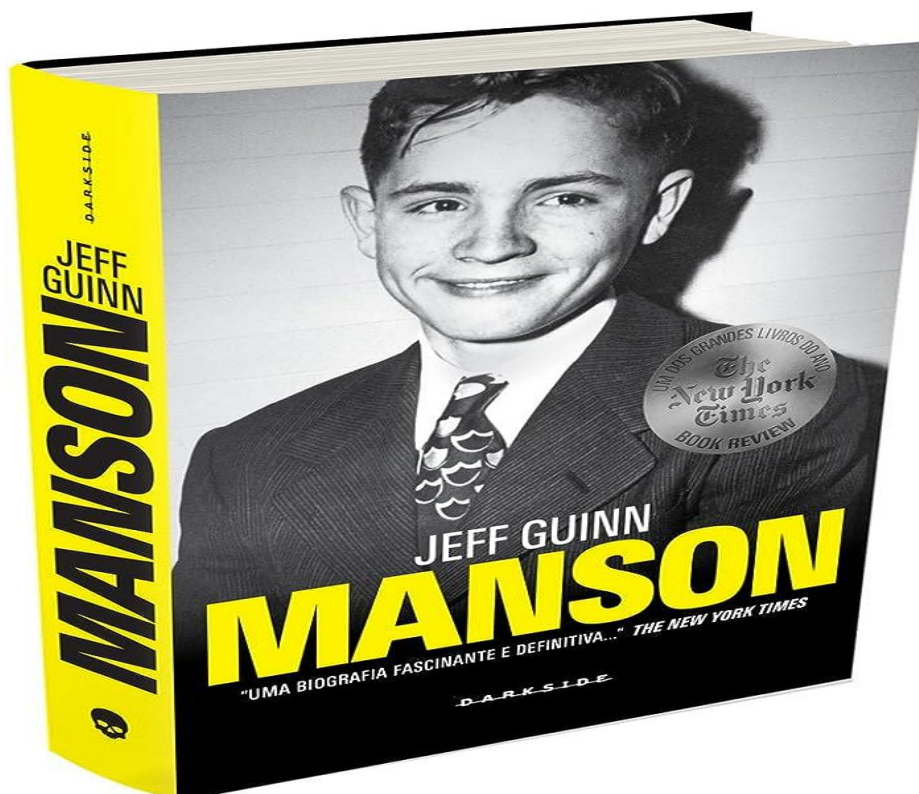


Figura 3 – Imagem da Biografia de Manson escrita por Jeff Guinn. Fonte: Amazon.

A obra *Charles Manson, a biografia* (2014), conforme observado no selo da capa, foi “um dos grandes livros do ano [conforme o] The New York Times, o que nos leva a crer a grande curiosidade dos leitores em saber detalhes sobre a vida de Manson, considerando os acontecimentos registrados. Ela é composta por 19 capítulos e 513 páginas. O livro biográfico é iniciado a partir de um prefácio que discorre sobre os anos 60 e os eventos que marcaram a história americana neste período. O prefácio também narra sobre os acontecimentos que marcaram a vida do sujeito biografado: sua relação com a banda The Beach Boys, seu fascínio pelos Beatles e seu ardiloso e cruel pensamento assassino contra várias celebridades de Hollywood. No prefácio da versão brasileira – produzido por Aprendiz Verde – há um trecho importante a ser lido antes de conhecermos para a compreensão da obra:

Charles Manson, a biografia consegue oferecer uma visão fresca e um digno complemento, até mesmo – por que não – superior ao considerado melhor livro sobre o caso: *Helter Skelter* (1974), de Vicent Bugliosi. Resultado de dois anos de pesquisas, o livro de Guinn oferece uma nova visão para aqueles que vivenciaram a turbulenta era de paz & amor assim como o contexto necessário para as gerações que vieram depois. Ler o livro é como vivenciar aquela época. Guinn consegue transportar o leitor para os dias de ira e caos, sexo e drogas, rock ‘n’ roll e celebridades, costurando o homem em seu ambiente, um ambiente perfeito e catastrófico, que forneceu todas as respostas que uma mente doentia como a de Manson ansiava encontrar. O que emerge é um retrato sombrio, mas altamente convincente, de um ‘eterno predador social’ que era ‘sempre o homem errado no lugar certo e na hora certa’. Prova disso é que Manson, em sua caçada desenfreada para se tornar um superstar maior que os Beatles, usou seu discurso incendiário – que misturava caos, fanatismo religioso, cientologia e letras de músicas dos Fab Four – para criar uma atmosfera magnética capaz de atrair aqueles que ele poderia usar para se tornar uma estrela. Dennis Wilson, baterista dos Beach Boys, foi um dos que caíram na armadilha (GUINN, 2014, p. 15).

O trecho acima, prefácio da biografia feita por Guinn, apresenta a função-autor biógrafo que faz um trabalho carregado de elementos histórico-sociais. O prefaciador mostra como o biógrafo consegue relacionar o nome Manson a acontecimentos que permitem ao leitor visualizar, mesmo sem ter presenciado aqueles anos, a história, os fatos narrados.

O biógrafo opta por não iniciar a biografia de Manson narrando fatos de sua infância, demonstrando o registro de acontecimentos em sua descontinuidade. No prólogo da obra, escrito por Guinn, há a narração sobre a presença de Manson na Whisky a Go Go, uma famosa boate de Los Angeles onde celebridades da música e do meio do entretenimento eram presença constante. O biógrafo inicia situando a Los Angeles dos anos 1960 e os acontecimentos desse período, em que Manson se aproxima de jovens e famosos empresários frequentadores da noite. Em trechos do prólogo, Guinn fala da relação de Wilson (baterista do The Beach Boys) com Melcher (produtor musical e filho da atriz Doris Day), jovens ricos que estavam em busca de festas e diversão em Hollywood. Estes jovens não estão presentes ao acaso na obra, pois Wilson era amigo de Manson e da Família; ele ofereceu moradia e dinheiro para o grupo durante muito tempo. Wilson seria a pessoa certa que iria ajudar Charlie a fazer parte do ciclo social hollywoodiano, um desejo de Manson desde à época de sua prisão na Ilha Terminal nos anos 60. Em um trecho da obra, o biógrafo descreve a boate e o movimento artístico que passava por lá:

Como gigantes da cena musical de Los Angeles, Melcher, Jakobson e Wilson seguiram para um destino apropriado na Strip. A Whisky a Go Go, localizada na Sunset após os limites de Beverly Hills, era a boate mais famosa da cidade

e provavelmente de toda a América. Revistas desde a Time até a Playboy alardeavam-na como o local da moda para ver e ser visto. A cada noite, longas filas se estendiam por quadras, uma espera que podia durar horas ou mais antes de a Whisky abrir, às 20h30 (GUINN, 2014, p. 21).

Na Whisky, era comum haver a presença de famosas celebridades, como o grupo The Mamas & The Papas, The Doors, The Beach Boys e atores de Hollywood muito famosos. Era um ambiente de grandes oportunidades para Charles Manson, onde ele teria a chance de conhecer grandes produtores e empresários que pudessem patrociná-lo e o transformarem em uma famosa celebridade hollywoodiana. Lembrando que Charles Manson queria ser um cantor muito famoso, ele tocava violão na prisão antes de sua saída em 1967. A função-autor biógrafo vai situando os acontecimentos do período, o que nos permite observar esse sujeito ocupando o lugar de historiador. Ressaltamos que esse historiador situa os acontecimentos como elementos de uma época que refletia o desejo de um grupo – de famosos – que se apresentavam como se estivessem em uma vitrine para serem vistos. Ao situar a boate Whisky a Go Go como esse lugar de visibilidade da classe artística, o biógrafo o relaciona aos desejos de Manson de frequentar o lugar e se promover; o sujeito, que ora ocupa o lugar de historiador, ora o de biógrafo, vai se posicionando ao falar do biografado. Não se trata apenas de uma narração dos fatos:

Qualquer um em Los Angeles que pretendia ser descolado devia estar na Whisky. Até Elizabeth Taylor e Richard Burton festaram por lá.

A multidão noturna significava que o estacionamento era escasso nas proximidades da boate, mas isso não era problema para Melcher, Jakobson e Wilson. Os empresários da badalada boate sempre achavam lugar para veículos pertencentes às celebridades.

[...]

Melcher e Jakobson não eram nomes conhecidos, mas a galera da boate, a maioria experiente em todos os aspectos da cena musical de LA, sabia quem eles eram e por que eram importantes.

Isso não era verdade para o quarto membro da equipe, que chegou no Rolls-Royce de Wilson. Para os curiosos na parte de fora da Whisky, não havia nada de especial em Charles Manson, 33 anos, apenas um dos milhares de ambiciosos compositores e intérpretes que fizeram seu caminho até L.A. com o objetivo de conseguir contrato com gravadoras e se tornar supestars. Manson era baixo, 1,65=4 m, e magricelo. Durante grande parte do verão ele tinha sido o suficiente para vagabundear com o baterista dos Beach Boys, conhecido por oferecer moradia temporária em sua luxuosa casa de madeira mais abaixo na Suset Boulevard. (GUINN, 2014, p. 23-24)

O biógrafo-historiador narra uma cena em que Manson atrai o público frequentador na Whisky:

[...] Manson desapareceu em meio à multidão e os três amigos tomavam seus drinques e conversavam até serem surpreendidos por um tumulto. Olhando ao redor, viram algo único na história da Whisky a Go Go: em vez de competir para aparecer, todos estavam tentando abrir espaço na cobiçada e lotada pista de dança. Melcher, Jakobson e Wilson se entreolharam confusos. Levantaram para tentar ver melhor o agito e uma figura única permaneceu – Charles Mason, gingando conforme a música. Sua dança se tornou cada vez mais maníaca e ele inclinava a cabeça para trás, balançando os braços. Mais tarde, o trio concordou que parecia que choques elétricos tomaram conta do corpo de Charlie através de seus cabelos.

Os convivas subiram à pista de dança como se fossem atraídos por algum tipo de campo de força irresistível. Agora rodeavam o palco, hipnotizados pela visão do turbilhão de fanáticos que pareciam alheios a tudo, exceto pela pulsante batida.

[...]

“Foi ali que percebemos que ele era realmente diferente, naquele ato na Whisky”, disse Jakobson quase 45 anos depois. “Em qualquer hora, em qualquer lugar que Charlie decidisse ser o centro das atenções, ele conseguia. Na Whisky, todos achavam que já haviam visto de tudo. Até aquela noite em que viram Charlie.” (GUINN, 2014, p. 24-25).

Esses enunciados recortados da biografia vão dando detalhes por meios dos quais o sujeito biógrafo vai revelando alguns mecanismos de poder que envolvem os sujeitos frequentadores da Whisky: todos queriam ser vistos e se sentirem importantes. Com Manson, não iria ser diferente. Ele também queria fazer parte daquele mundo e se subjetivava como uma engrenagem que constituía aquele universo de estrelas da música, do cinema. Essa cena estabelece um domínio de memória com o que normalmente edifica o sujeito líder de seita: o poder de atrair e controlar o corpo, a mente e a alma das pessoas.

O primeiro capítulo da obra, Guinn narra acontecimentos da família de Manson antes de seu nascimento. Começa falando do relacionamento entre Nancy Maddox (avó materna de Manson) e Kathleen (mãe de Charlie). O relacionamento entre mãe e filha era um pouco conturbado, pois Nancy era muito religiosa e não aceitava que regras de condutas morais e éticas fossem quebradas, pois para a avó de Manson a Bíblia era um livro que deveria ser seguido à risca sem qualquer questionamento. Kathleen era uma jovem garota que tinha sonhos e desejos como qualquer jovem de sua idade, porém alguns de seus comportamentos eram reprovados por sua mãe, como se divertir com os amigos e ter um relacionamento adolescente. Em um trecho da obra, Guinn descreve como cada possuía um pensamento diferente quanto a suas vidas:

Nancy Maddox amava a Bíblia e sua filha adolescente, Kathleen amava dançar. Sendo ambas de forte personalidade, foi assim que todo o problema começou. Nancy Ingraham nasceu e foi criada no Kentucky e sua fé era firmemente fundamentalista. Ela encarava a Bíblia de maneira literal. Cada palavra do livro era tida como verdade e cada nefasta criatura descrita, desde a serpente do Gênesis no Jardim do Éden até a besta de sete cabeças e dez chifres do Apocalipse, existira ou existiria sobre a Terra realizando as ordens pecaminosas de Satã. Nancy amava a Deus e também temia Sua ira, como a Bíblia ordenava (GUINN, 2014, p. 26).

Apesar de ser uma mulher muito religiosa, Nancy não era considerada fanática, pois muitos a consideravam uma pessoa gentil e bondosa. Analisamos aqui um ponto interessante que é a relação dos eventos bíblicos com a formação discursiva da família de Manson. A avó tinha como princípios éticos e morais regras impostas pela Bíblia como um modelo a ser seguido. Esse modelo era marcado por regras e ideias que deviam ser obedecidas, pois ao contrário haveria uma punição divina contra todos os atos pecaminosos. Nesse mesmo capítulo, é retratado o nascimento de Charles Manson que recebe este nome em homenagem ao seu avô.

[...] Em 12 de novembro de 1934, Kathleen deu à luz um saudável menino no Cincinnati General Hospital. Sua certidão de nascimento, arquivada no dia 3 de dezembro, não continha traços de ilegitimidade. O pai foi registrado como William Manson [seu padrasto], agora de Cincinnati, um trabalhador empregado numa lavanderia. A criança foi chamada de Charles Milles Manson em memória de seu avô materno. (GUINN, 2014, p. 13).

A organização do campo em que esses enunciados aparecem, e que tem a ver com os *conceitos*, outra condição de existência das formações discursivas, mostra uma organização arquitetônica coerente com o objeto biografia. Normalmente, a biografia apresenta um relato sobre a vida do biografado: formação de seu núcleo familiar, como esse núcleo afeta ou afetou sua vida, a construção de seu caráter.

[...] Pouco se sabe sobre o casamento de William e Kathleen, incluindo onde moravam, embora pareça provável que eles permaneceram em Cincinnati ou arredores. Kathleen começou a sair à noite sem seu marido, às vezes até aparecendo inesperadamente em Ashland ou Charleston para deixar Charlie aos cuidados da avó ou da tia Glenna enquanto ela festejava.

[...]

Ao longo dos 16 meses seguintes, Kathleen e Charlie ficaram algumas vezes com Nancy em Ashland. Eles se mudaram para a casa de Glenna, Bill e sua filha Jo Ann, em North Charleston. [...] Não há registros de Kathleen procurar emprego, mas, mesmo assim, ela saía e ativamente procurava outro marido. [...] Na tarde do dia primeiro de agosto de 1939, Kathleen e Julia Vickers vagaram por Charleston matando tempo, olhando lojas e fofocando. Charlie, agora com quase 5 anos, fora deixado ou com Glenna, ou com algum conhecido de sua mãe. Kathleen não era mais uma garota inocente que apenas queria dançar e se divertir. Aos 20 anos ela era uma mulher divorciada com

uma criança pequena e nenhuma renda [...] durante aquela época decepcionante, Kathleen desenvolveu uma dura postura. Ela queria algo melhor para si e pretendia tê-lo. Naquele dia, a oportunidade de conseguir algum dinheiro através do crime se apresentou e ela sucumbiu à tentação. Foi uma decisão impetuosa, que afetaria – e custaria – vidas ao longo dos três quartos de séculos seguintes (GUINN, 2014, p. 35-36).

O sujeito biógrafo, ao narrar fatos da vida da mãe de Manson, mostra que ela também procurava se encontrar. Era muito jovem quando engravidou e passou por vários casamentos. Aos 20 anos já era divorciada e desejava uma vida melhor, como todas as pessoas. Nessa procura, ela não mostrava preocupação com o pequeno Charlie. Kathleen não deixava de fazer o que queria e deixava Manson com a avó e amigos seus. Ele foi crescendo sem ter referências de mãe ou pai.

Após o capítulo 1, outras temáticas são, arquitetonicamente, desenvolvidas pelo biógrafo em cada capítulo. Podemos perceber pela construção do sumário o cuidado como é descrita a trajetória do Manson a partir das memórias familiares e de pessoas que conviveram com ele em prisões e em sua seita. Os tópicos apresentados são divididos entre prefácio, nota do autor, fotografias, notas sobre fontes, apêndice, notas, bibliografia e agradecimentos; todos relacionados a textos produzidos antes e depois dos capítulos apresentados abaixo:

PRÓLOGO: Charlie na Whisky.
 CAPÍTULO UM: Nancy e Kathleen.
 CAPÍTULO DOIS: Moundsville e McMechen
 CAPÍTULO TRÊS: Kathleen e Charlie.
 CAPÍTULO QUATRO: McMechen novamente.
 CAPÍTULO CINCO: Prisão.
 CAPÍTULO SEIS: Berkely e o Haight.
 CAPÍTULO SETE: Charlie no Verão do Amor.
 CAPÍTULO OITO: L.A (Los Angeles).
 CAPÍTULO NOVE: Charlie e Dennis.
 CAPÍTULO DEZ: Os ranchos.
 CAPÍTULO ONZE: A Bíblia e os Beatles.
 CAPÍTULO DOZE: Sonhos frustrados.
 CAPÍTULO TREZE: Tate.
 CAPÍTULO CATORZE: LaBianca e Shea.
 CAPÍTULO QUINZE: O Vale da Morte.
 CAPÍTULO DEZESSEIS: Desvendando.
 CAPÍTULO DEZESSETE: Charlie está famoso.
 CAPÍTULO DEZOITO: O julgamento.
 CAPÍTULO DEZENOVE: O homem errado no lugar certo e na hora certa.
 (Obra Charles Manson, a biografia – 2014).

Cada tópico apresentado na obra constrói as características do biografado e sua trajetória de vida a partir de cada depoimento e pesquisa realizada para o desenvolvimento da biografia. A obra é composta de vários documentos para que pudesse ser desenvolvida, além de entrevistas de ex-membros da Família que fizeram parte da vida do personagem.

Foucault (2012) ao discutir sobre as regularidades discursivas traça as características da produção de uma obra. Ele explica que “as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases” (FOUCAULT, 2012, p. 28).

A produção biográfica de Jeff Guinn faz o recorte da vida de Charles Manson buscando compreender também a relação do personagem biografado ao contexto histórico e social nos quais vivia. Sobre a infância, o biógrafo registra:

[...]

O pequeno Charlie Manson era uma criança desagradável. [...] Mas mesmo tão novo ele mentia sobre tudo e quando causava problemas ao contar lorotas, ao quebrar coisas ou por conta de qualquer outro dos inúmeros delitos que cometia com frequência, Charlie sempre culpava terceiros por suas ações. A criança também era obcecada por ser o centro das atenções. Se não conseguia ser notado por fazer algo certo, comportava-se mal – e ele sempre estava disposto a fazer isso. Você não conseguia relaxar quando Charlie estava por perto. Era apenas questão de tempo antes de causar problemas. (GUINN, 2014, p. 41)

Além disso, Guinn dá ao leitor a oportunidade de refletir sobre as estratégias discursivas usadas pelo personagem para garantir a sua liderança dentro da comunidade que criou no final dos anos 60 e o poder de persuasão que teve para atrair vários jovens a sua seita macabra. Após uma infância e adolescência conturbadas, o contato com criminosos, a leitura do Manual “Como se tornar um líder de seita”, Manson vai trilhando seu caminho.

Na obra sobre Charles Manson, Jeff Guinn sempre traz como elementos de discussão para os leitores os acontecimentos dos anos 60 caracterizando os contextos dos eventos ocorridos na época por meio de um olhar sobre os Estados Unidos e como o país estava sendo observado pelo mundo naquele momento de lutas e reivindicações que ocorria, também na Europa. O prefácio da obra de Guinn (2014, p. 15) nos mostra como as verdades e os conceitos de uma América dourada (A América dos anos 60) eram construídos a partir de vários pontos de vista como definidos pelo próprio autor:

Charles Manson, a Biografia não é apenas a história do mal personificado, mas uma prova definitiva de que o mito da América dourada, hippie, livre e eterna enquanto durou foi apenas uma ilusão. Ilusão cujo significado dependia de quem a via: para os hippies, tranquila e orgástica; para The Mamas & The Papas, um sonho californiano; para os Beatles, chapada como Lucy in the Sky; para os conservadores, suja e nojenta; para os manifestantes estudantis, mentirosa e tirana. Ou ela poderia ser apocalíptica, sombria, e sangrenta, como a América dourada de Charles Manson (GUINN, 2014, p. 15).

Os americanos se deparavam com a construção da América dourada e dos acontecimentos que mobilizaram diversos movimentos e marcaram a história do país e fascina estudiosos, até hoje, a compreenderem melhor os anos 60 nos Estados Unidos e as manifestações de mudanças radicais da sociedade estadunidense. O olhar de Guinn sobre a América de Charles Manson é a de uma América dourada apocalíptica, sombria e sangrenta.

As passagens de Charles Manson por diversas prisões desde sua juventude, principalmente por roubo e furto, o levaram a conviver com todos os tipos de presos, e os castigos foram, provavelmente, meios de aprendizado para ele. Por meio destas vivências, Charlie soube usar estratégias para vigiar e dominar os seus seguidores dentro da seita, conforme destaca seu biógrafo:

Charlie estava acostumado aos reformatórios onde os detentos veteranos ainda eram adolescentes. A população carcerária da Ilha Terminal incluía detentos mais velhos, golpistas experientes, os quais dominavam todos os outros. O ‘jogo insano’ de Charlie não surtiria muito efeito neles. Ele percebeu isso e passou seus primeiros meses apenas observando. Aqueles sentenciados por crimes do colarinho branco não tinham qualquer interesse em Charlie. Ele nunca estaria em posição de roubar fundos de um banco ou esquematizar um golpe fraudulento multimilionário (GUINN, 2014, p. 73).

Conforme destaca Guinn, Manson era um sujeito que primeiramente observava as ações para que pudesse compreender como podia organizar seus discursos para dominar os indivíduos mais propensos às suas falas. Em um dos episódios, na Ilha Terminal, alguns presos que eram cafetões – principais influências de Manson – diziam na prisão o quão era interessante dominar mulheres e como eram submissas a eles:

Eles se gabavam para Charlie sobre aliciar e influenciar jovens mulheres, submetendo-as à sua própria vontade. Você tinha que saber apenas como escolher as garotas certas. Charlie aprendeu que aquelas com problemas paternos e de autoestima caíam mais facilmente no papo ardiloso de quem tinha boa lábia. Primeiro você as separa da família e dos amigos. Depois as

mantêm sob seu controle com uma sagaz combinação de afeto e espancamentos, apenas o suficiente para lembrá-las de quem é o chefe – Charlie ansiava ser o chefe de alguém (GUINN, 2014, p. 74).

Um enunciado, conforme destaca Foucault, mantém um campo associado, um domínio de coexistência com outros enunciados. As táticas usadas por Manson para se tornar um messias, junto à sua Família, tais como aliciamento, desconstrução da autoestima, boa lábia, separação da família, afetos e espancamentos, e o que ele dizia para estabelecer seu poder junto aos seus seguidores mantêm relação com outros enunciados. A leitura do manual *Como se tornar um líder de seita* o auxiliou em sua tarefa. Algumas das táticas desse manual são: Construa sua base, Aumente seu rebanho, Molde suas mentes, Prometa a eternidade¹⁷.

O biógrafo adota um discurso que revela uma regularidade sobre o biografado. Vai apresentando a seu leitor um sujeito (Manson) que deseja aprender sobre táticas de como ser manipulador, pois Charlie tinha seus seguidores sob o seu controle, principalmente as mulheres. Segundo Guinn (2014, p. 74), após tomar o controle das mulheres, ele tinha “uma sagaz combinação de afeto e espancamentos, apenas o suficiente para lembrá-las de quem é o chefe – Charlie ansiava ser o chefe de alguém”.

No episódio *Manson's Night Of Horror: The Day We Murdered Sharon Tate/ Real Crime* (do canal *Real Crime* no YouTube), uma das seguidoras ex-seguidoras de Manson, Gypsy, descreve como Charlie era violento quando estava furioso e agredia sem compaixão algumas garotas que viviam no local, às vezes sem motivo algum. Este episódio, nos faz refletir sobre um trecho da obra *Vigiar e Punir* (2007) em que Foucault discute sobre a punição generalizada que é agravada pelo poder do soberano aos seus súditos: “Revoltante, visto da perspectiva do povo, onde ele revela a tirania, o excesso, a sede de vingança e o ‘cruel prazer de punir’. Vergonhoso, considerado da perspectiva da vítima, reduzida ao desespero e da qual ainda se espera que bendiga ‘o céu e seus juízes por quem parece abandonada” (FOUCAULT, 2007, p. 63).

As ações cruéis de Charlie contra muitas garotas eram muito comuns na Família, ele as reduzia a nada e elas o respeitavam, mesmo sendo submetidas a tais agressões. Independentemente de como Manson as tratava, elas tinham como obrigação seguir o que era dito por ele, pois as mulheres, principalmente, eram constantemente vigiadas por homens que

¹⁷ Conforme registra o documentário “Como se tornar um líder de seita”, série da Netflix.

faziam parte da Família; a vigilância era uma regra imposta por Manson, pois ele tinha o fascínio pelo controle de pessoas. As mulheres do clã eram obrigadas a se prostituírem e todo o dinheiro que recebiam dessa prática sexual era dado para Charlie, pois havia no grupo uma nova regra criada por ele de que as mulheres carregassem consigo dinheiro, pois caso tentassem fugir não conseguiriam ter dinheiro para fugir. “Charlie nunca explicou por que impôs essa nova ordem, mas era uma regra muito comum entre cafetões. Se uma das mulheres quisesse fugir, não teria dinheiro suficiente para fazer uma ligação uma ligação de um telefone público para amigos ou parentes, pagar um táxi ou uma passagem de ônibus (GUINN, 2014, p. 190)”.

Foucault explica que o corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente. De acordo com ele, “a disciplina às vezes exige a *cerca*, especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido da monotonia disciplinar. Houve o grande ‘encarceramento’ dos vagabundos e dos miseráveis; houve outros mais discretos, mas insidiosos e eficientes (FOUCAULT, 2007, p. 122)”.

Os ranchos Spahn e Barker estavam próximos de desertos e bem distantes da área urbana de Los Angeles, uma estratégia usada por Manson para o controle dos corpos. Qualquer pessoa que era recrutada por ele deveria obedecer às regras impostas, caso contrário haveria punições que iriam de agressões até assassinatos. Era comum haver armas no rancho, mas somente Charlie e alguns membros tinham a posse dos instrumentos. Podemos dizer que os ranchos eram instituições disciplinares. Segundo Foucault (2007, p. 123), “lugares determinados se definem para satisfazer não só à necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil”.

Dentro da Família, Charlie tinha o poder absoluto sobre todos; ele não gostava de pessoas muito inteligentes, pois isso os levariam a questionar. O que Charlie adorava fazer no Rancho Spahn era “acalmar o seu rebanho através de pregações, drogas e sexo, intercalados por árduo trabalho físico, a fim de manter todos razoavelmente cansados” (GUINN, 2014, p. 191), um tipo de ação comum em países controlados por ditadores como a Coreia do Norte, por exemplo, e algo muito comum entre líderes de seitas.

As formações discursivas assumidas pelo biógrafo Jeff Guinn – biógrafo, historiador, cientista político – revelam uma regularidade. Charles Manson é objetivado como manipulador, sedutor, aliciador, violento, cruel, assim como uma vítima de um convívio familiar conflituoso, vítima de várias ocasiões de abandono, que resultaram na formação de um caráter problemático e transgressor. Em uma América que passava por uma época turbulenta – os anos 1960 – ele

viu uma oportunidade de tirar proveito. E assim o fez segundo o que sabia fazer: manipular para tirar proveito por meio de crimes.

Mas o olhar do biógrafo é o mesmo olhar de seus seguidores e da mídia?

5.2 A objetivação do sujeito por ex-seguidores e pela mídia

Após a condenação de Charles Manson e de alguns de seus ex-seguidores após os assassinatos de Sharon Tate e outras pessoas, a mídia americana buscou investigar sobre a Família e o que ocorria dentro da seita. O caso ficou mundialmente famoso e com isso vários depoimentos de ex-seguidores começaram a surgir. Alguns dos ex-membros declaravam o que ocorria no rancho e quem era Charles Manson.

Em uma entrevista ao programa Fantástico (TV Globo), em 2019, uma das ex-seguidoras de Manson, Diane Lake (70 anos de idade), que no fim da década 1960 tinha entre 14 e 16 anos de idade, disse que o falso guru era obcecado pelos Beatles e que isso fortalecia ainda mais a ideia de uma guerra interracial chamada Helter Skelter, uma das músicas do álbum branco do grupo inglês. “O Charlie foi ficando muito diferente, aí saiu o álbum branco do Beatles, e o Charlie tinha certeza que no meio das músicas os Beatles estavam mandando mensagem para ele, principalmente numa música: Helter Skelter”, disse Diane Lake ao repórter Álvaro Pereira Júnior, correspondente da Rede Globo nos Estados Unidos. A ex-seguidora fala o que era dito por Manson sobre o que iria acontecer após o fim do Helter Skelter: “Ele achava que depois que a guerra acabasse a gente ia renascer das cinzas como a Fênix¹⁸”. Essa promessa de renascimento mantém um domínio de memória com o que estabelece o manual dos fundadores de seita: a promessa da eternidade.

¹⁸A Fênix é uma ave advinda da mitologia egípcia que representa ciclos de vida e que vivia abrasada por quinhentos anos e que ao morrer poderia reviver das cinzas.



Figura 4 – Entrevista de Diane Lake ao Fantástico em 2019. Fonte: Youtube (Foto/reprodução)

Manson tinha o desejo de ser um artista muito conhecido e famoso no mundo inteiro, porém seu jeito de pensar e suas opiniões assustavam pessoas do meio do entretenimento, como Terry Melcher, produtor musical muito famoso na época, responsável por construir a carreira dos membros da famosa banda americana The Beach Boys. Um dos bateristas, Dennis Wilson, era amigo de Manson e responsável por apresentá-lo ao produtor. Melcher não gostou de Manson e das condições sob as quais Manson submetia o grupo que vivia com ele no Rancho Spahn. Com isso, Manson foi até o antigo endereço de Terry Melcher, na Cielo Drive 10050 (Hollywood), para saber por que o produtor não quis patrociná-lo. Melcher havia se mudado há alguns meses e Manson não sabia disso, logo descobriu que os novos moradores da mansão eram Sharon Tate e Roman Polanski. Furioso com toda a situação, Manson convocou quatro de seus seguidores (Tex Watson, Patrícia Krenwinkel, Susan Atkins e Linda Kasabian) e ordenou que estes executassem a atriz e todos os que estivessem na casa¹⁹.

¹⁹ Além de Sharon Tate, estavam na casa os amigos dela. Além deles, havia uma parte da mansão onde vivia o caseiro, William Garretson, que estava acompanhado de seu amigo Steve Parent, este assassinado com vários tiros dentro de seu carro ao sair da mansão. O caseiro foi o único sobrevivente do massacre de agosto de 1969.



Figura 5 – Membros da seita que participaram dos assassinatos de Sharon Tate e do casal LaBianca. À esquerda Susan Atkins, ao meio Patrícia Krenwinkel e à direita Leslie van Houten (não participou do assassinato de Tate, porém assassinou Rosemary LaBianca). Fonte: Independent UK.

Manson carregava consigo a teoria do Helter Skelter e germinava dentro da seita seus pensamentos filosóficos como um conhecimento – mesmo que sombrio – em que todos os seguidores deveriam seguir. Guinn (2014, pp. 208-209) descreve como Manson organizava essas ideias dentro da Família:

Charlie definitivamente não estava confuso. Ele reuniu a Família perto da casa alugada da rua Gresham para ouvir o *Álbum Branco* repetidas vezes. Ele mandou que prestassem atenção especialmente nas músicas ‘Piggies’, ‘Blackbird’, ‘Revolution 9’ e ‘Helter Skelter’. Embora cada canção do álbum tivesse significado profético, Charlie explicou que aquelas músicas eram mapas musicais que levavam a um futuro imediato. ‘Piggies’ descrevia o sentimento de repulsa quanto aos autointitulados ricos e poderosos e concluía que eles precisavam de ‘uma bela pancada’. ‘Blackbird’ previa a revolta dos negros perseguidos – aquele era o momento certo para eles se erguerem. ‘Revolution 1’ era um chamado para o armamento. ‘Revolution 9’ – uma mistura de efeitos eletrônicos e batidas, incluindo o estrondo de uma

metralhadora e gritos humanos – era a trilha sonora da fúria que estava por vir. ‘Helter Skelter’ era um nome formal dado ao caos que logo se instalaria.

Charles Manson desenvolve em suas narrativas pensamentos megalomaniacos a partir de fatos históricos que assolaram os Estados Unidos no período da colonização americana, entre eles está a escravização dos negros pelos brancos. Com o Blackbird, haveria o oposto, os negros estariam no poder e os brancos estariam na condição de humilhados como antes eram os negros escravizados, ou seja, haveria a troca de poder sobre os corpos.

Ao mesmo tempo que Manson pensava nessa troca de posição do poder, em que há a exaltação dos negros após a guerra racial, o falso guru cria em seu imaginário a ideia de liderança. Ele queria ser famoso a todo custo, logo percebeu que os negros não seriam capazes de governar o mundo, portanto ele seria o líder mundial com o apoio da Família. Charlie traz à tona o racismo para enunciar tal discurso, pois ao dizer que os negros não são capazes de governar o mundo, após o Helter Skelter ele deixa claro um pensamento racista, que por anos assola a sociedade americana e, principalmente, a comunidade negra. Na biografia, o autor completa o pensamento de Manson dizendo que “Charlie declarou que o Álbum Branco não só era um chamado coletivo para o armamento do mundo inteiro: estava especificamente direcionado a Charlie e à Família. Em algum ponto de 1969, a Família retornaria ao Rancho Barker²⁰, no Vale da Morte, e os Beatles se juntariam a eles” (GUINN, 2014, p. 209).

Manson era obcecado pelos Beatles, ele gostaria de fazer parte da banda e ser mais um membro do grupo. A Bíblia também faz parte desse processo discursivo de Manson, e a verdade construída por ele era recebida por seus seguidores como algo absoluto e que não poderia ser questionada. Segundo Guinn (2014, p. 209), os “Beatles eram só parte da verdade que então revelava. Em seu sermão, ele pregou para a Família que a revolta negra era iminente não só porque os Beatles previram, mas porque estava na Bíblia. Na verdade, além da revolta, a Bíblia também profetizou os próprios Beatles e Charlie Manson. Estava tudo lá, no livro final do Novo Testamento”. Nesse sentido, recorremos a Foucault (2012, p. 54), a propósito dos discursos que não surgem ao acaso, mas advêm de saberes construídos ao longo do tempo por meio das instituições que estabelecem o poder de decidir o que deve ou não ser dito dentro de um campo social usando, assim, campos de possibilidades que acarretam a produção de enunciados sobre determinado objeto de estudos.

²⁰ O Rancho Barker era outro lugar de permanência de Manson e seus seguidores, onde Manson dizia aos seus seguidores ser o esconderijo deles durante o Helter Skelter.

No documentário *Manson's Night Of Horror: The Day We Murdered Sharon Tate/Real Crime* ex-seguidores de Manson, inclusive os que participaram dos assassinatos e tinham Manson como um líder espiritual fascinante, são entrevistados falando sobre quem era Charlie e os discursos proferidos por ele. Linda Kasabian, a principal testemunha ocular que ajudou na condenação de Manson, proferiu na entrevista, após anos escondendo sua idade original, os seguintes argumentos:

Meeting Charlie for the first time was very exciting.²¹
Encontrar o Charlie pela primeira vez foi muito empolgante.
(Trecho 1 - Tradução nossa).

(...) there was a magnetism about him. Charisma, charm, power.
(...) havia um magnetismo sobre ele. Carisma, charme, poder.
(Trecho 2 - Tradução nossa)

(...) he gave me the feeling that I would be cared for and that took cared of everybody. I eventually felt really safe and protected. We were like his children. We were his children.
(...) ele apresentou o sentimento de que eu poderia ser cuidada e que cuida de todos. Eu simplesmente me senti segura e protegida. Nós éramos como se fosse seus filhos. Nós éramos seus filhos.
(Trecho 3 - Tradução nossa)

There was a situation that was planned. We were going to have an orgy, drop acid and make love (...)
Havia uma situação que era planejada. Nós tínhamos que fazer orgia, usar ácido e fazer sexo (...).
(Trecho 4 – Tradução nossa)

²¹ Decidimos por deixar as falas originais em inglês e em seguida as traduções.



Figura 6 – Imagem de Linda Kasabian, ex-membro da Família que esteve nos dois dias de assassinatos, porém não assassinou ninguém. Ela foi responsável por entregar todos os envolvidos à justiça. Fonte: Aventuras na História.

Linda descreve um Charles Manson amoroso e interessante que trazia consigo uma imagem de um cuidador, de um pastor que está presente na vida de seu rebanho para protegê-lo. O magnetismo exercido pelo sujeito que se apresentava como um guru efetivou-se sobre a fragilidade dos seus jovens seguidores que não se sentiam à vontade com seus pais biológicos e que viviam sob vários conflitos: existenciais, de geração, dentre outros. Manson exercia sobre os jovens de sua família uma forma de poder ao mesmo tempo individualizante e totalizadora. Individualizante porque trabalhava sedutoramente sobre cada um dos jovens a ideia de que estava cuidando dele; totalizadora porque o poder que exercia sobre a família os levava a todos a executar suas ordens. Para tanto, suas técnicas de poder eram ora a sedução (ele tinha “carisma, charme, poder”; “ele apresentou o sentimento de que eu poderia ser cuidada e que cuida de todos. Eu simplesmente me senti segura e protegida”) ora o aliciamento (Nós tínhamos que fazer orgia, usar ácido e fazer sexo). A figura de pastor que Manson assumia era uma técnica de manipulação que não visava a proteção, mas a submissão dos membros da família Manson.

Manson tinha o poder da manipulação, sabia muito bem como conquistar seus seguidores. Bastava proferir discursos de um bom pastor para que todos pudessem seguir os

seus mandamentos. As relações de poder dentro da família por meio desses discursos faziam de Charlie um guia espiritual que enganava a todos fingindo ser um homem carinhoso que compreende a situação emocional de todos, principalmente das mulheres da Família. Ao mesmo que ele se colocava como um homem bondoso, ele fazia o controle dos corpos dentro do rancho, em que o uso de drogas e a prática sexual deveriam ser elementos obrigatórios no local. Nesse atravessamento discursivo, os elementos genealógicos estão presentes, uma vez que podemos observar o jogo estratégico indissociável do exercício do poder praticado por Manson dentro do rancho.

Vicent Bugliosi, promotor do caso Tate-LaBianca, também participou da entrevista falando sobre quem era Charles Manson e suas intenções perante todos que conviviam com ele. Na entrevista, Bugliosi afirma o seguinte:

(...) become a little guru up there, a celebrity of sorts of people loved his music and had a certain amount of ability composed songs including the lyrics.

(...) **[Manson]** tornou-se um guru por lá, uma celebridade de muitas pessoas que amavam sua música; ele tinha certamente várias habilidades ao compor músicas, incluindo as letras.

(Tradução e grifo nosso)

Em sua fala, Bugliosi deixa claro que Charles Manson era adorado por todos, uma celebridade dentro do rancho onde fazia a composição de suas músicas que todos que ouviam amavam. Percebemos nesse ponto que ser guru era uma vantagem para Manson, pois assim possuía adeptos de seus pensamentos.



Figura 7 – Vicent Bugliosi, promotor de justiça responsável por investigar os assassinatos do caso Tate-LaBianca, sendo entrevistado. Fonte: life.com

Leslie Van Houten, uma das assassinas do casal LaBianca e ex-seguidora de Manson, em seu depoimento ao documentário, afirma que Manson era como se fosse Cristo. Assim como as outras garotas, Manson a tratava com carinho como se fosse uma jovem criança. No depoimento ela diz:

He was like Christ and he had the answers for as twisted as it all got you know I really think that. I felt that I had met someone that by being around him would had a positive change.

Ele era como Cristo e distorcia as respostas, sabe? Eu realmente acho isso. Eu senti que tinha conhecido alguém que por estar ao lado dele teria uma mudança positiva. (Tradução nossa)

Percebemos na fala de Leslie que Manson tinha um certo afeto por ela. Parecia que ele não tinha um comportamento agressivo ou totalmente diferente de como alguns jornais e até ex-membros da seita o descrevem. Como ela apresenta em sua fala, Manson parece ser um homem do bem que carrega consigo o bem-estar. Mas tudo não passava de uma manipulação feita por Manson, uma vez que em alguns relatos de ex-membros, Charlie era muito violento com algumas garotas.



Figura 8 – Leslie Van Houten, uma das ex-seguidoras de Manson que obteve a liberdade condicional em julho de 2023. Fonte: ABC 30.

Manson virou repercussão mundial ao aparecer na capa da revista Life (extinta revista semanal americana que pertencia ao grupo Time Life, hoje chamado Time Warner) em dezembro de 1969. *The Love and Terror Cult: the man who was their leader. The charge of multiple murder* (O culto ao amor e o culto ao terror: o homem que era o líder deles [seguidores]. A carga de múltiplos assassinatos) era a capa da revista Life, descrevendo os horrores causados por membros da seita por meio dos comandos de Manson, que não foi condenado por matar, mas por arquitetar os assassinatos em 1969. A revista descreve os fatos ocorridos em Los Angeles e mostra aos leitores sobre quem era Charlie e os membros que participaram da carnificina que aterrorizou os EUA na época.

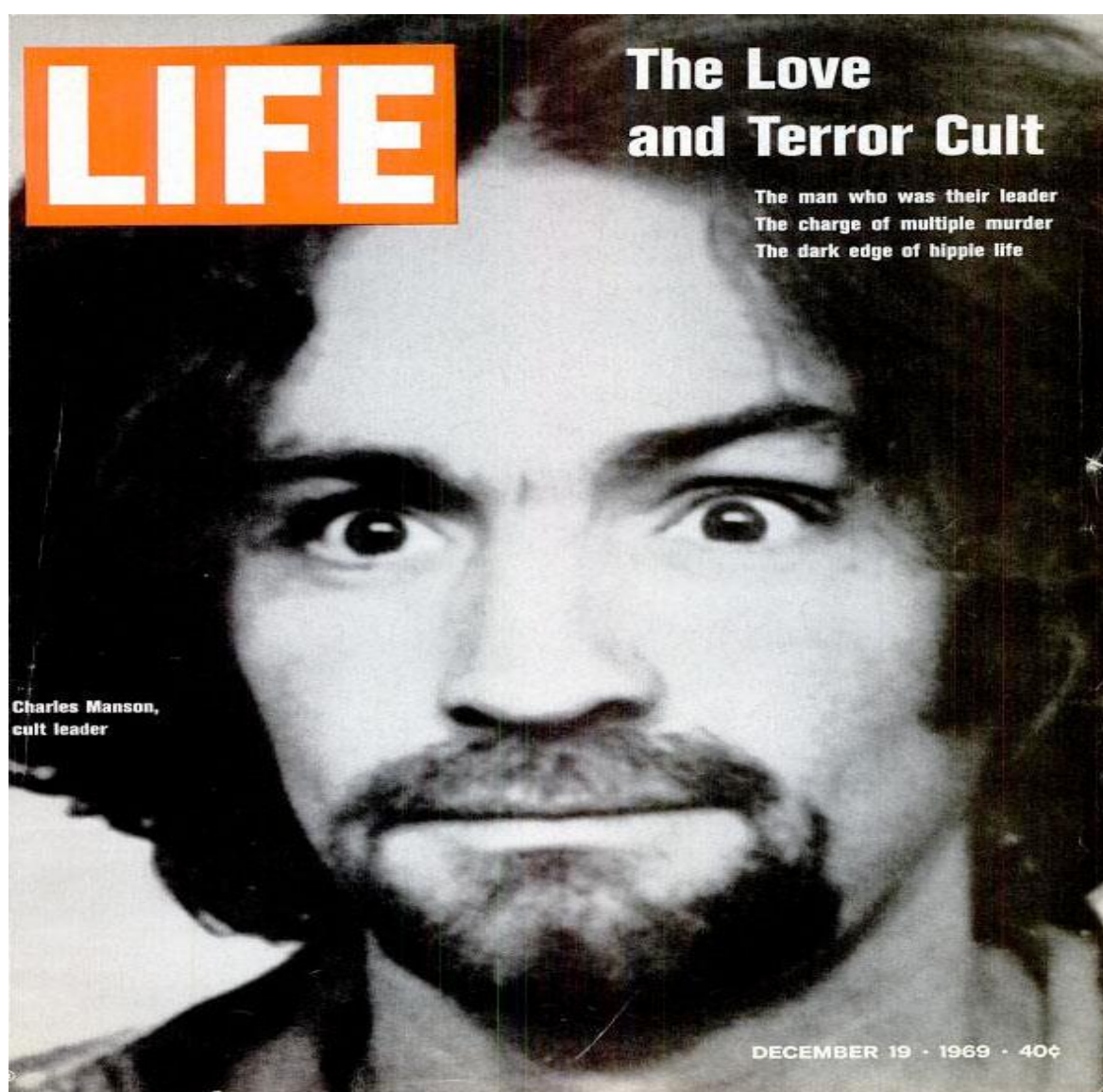


Figura 9 – Charles Manson na capa da revista Life após ser preso na Califórnia em 1969. Fonte: life.com

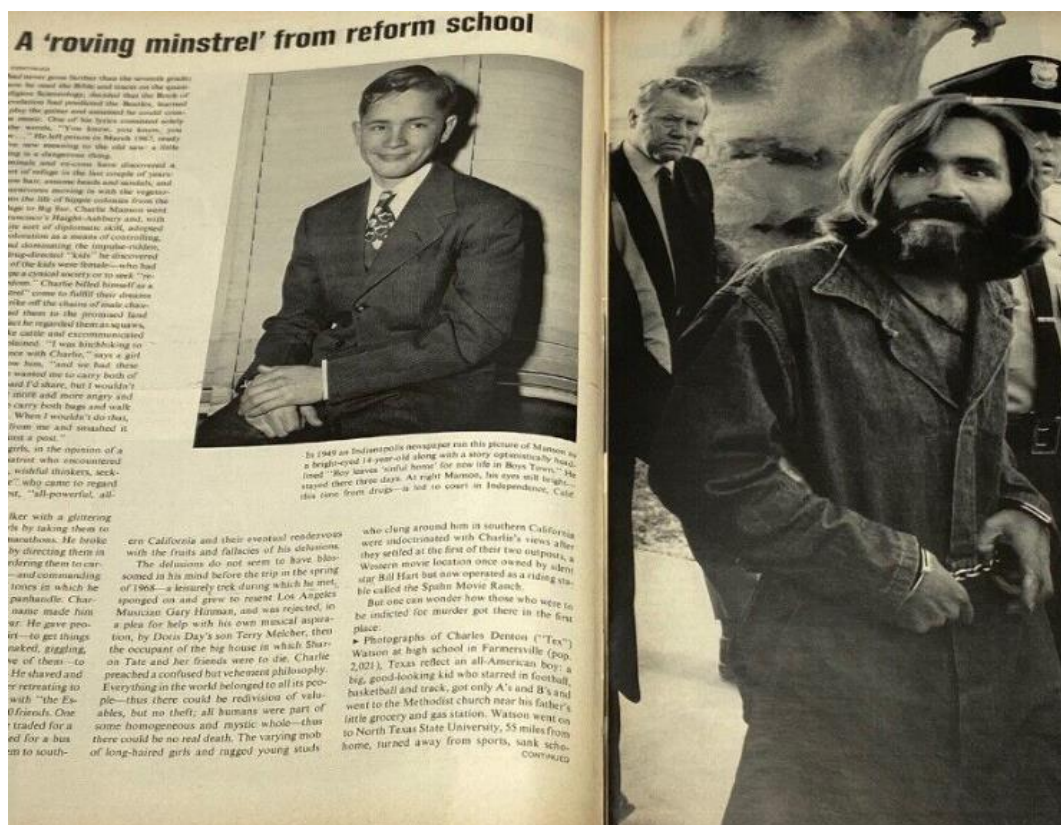


Figura 10 – Uma das páginas da revista Life falando sobre Manson. Fonte: eBay

Entre as décadas de 70, 80 e 90, Charles Manson deu várias entrevistas a diversos canais de televisão, além de revistas e jornais. A maioria dos meios de comunicação apresentava um Manson barbudo, malvestido e com uma suástica na testa, marca feita por ele quando foi preso entre 1969 e 1970. Vários programas de televisão e jornais mostravam como Charlie era adorado por seus seguidores, inclusive algumas de suas seguidoras eram ordenadas por ele (mesmo ele estando na prisão) a caminharem ajoelhadas em frente ao tribunal. Isso era registrado ao vivo pelas redes de televisão. Ele já afirmou a Diane Sawyer, ex-apresentadora de TV americana, que ele era apenas um gângster e que roubava dinheiro.

“O culto ao amor e ao terror”, enunciado estampado na capa da revista Life acompanhado da foto de Manson de olhos arregalados, produz sobre esse sujeito uma imagem de um desequilibrado. A terceira foto, à direita, estampando a reportagem, mostra um sujeito algemado sendo conduzido por policiais. O sujeito é objetivado como um criminoso cujo destino é a prisão. Podemos entender essa imagem como uma mensagem dada pela mídia e pelas instituições de justiça de que “o crime não compensa”. E, também, como um dispositivo

cujo propósito pode ser o de alcançar os jovens da época para o perigo de acreditar em falsos gurus, afinal a revista Life sempre teve um grande alcance de público leitor.

Em entrevista à revista Rolling Stones, uma das últimas entrevistas do falso guru, Manson diz não ter assassinado ninguém, mas que os membros que fizeram isso é que foram responsáveis e que ele não ordenara nada. Em uma das partes da entrevista ele diz que Susan Atkins, uma de suas ex-seguidoras e assassina, havia dito que tudo que ela fez foi por ele. Ele responde sobre a atitude dela dizendo: “Aquela vadia era maluca” (revista Rolling Stone). Nesse enunciado, ele se exime da culpa e desconstrói totalmente a imagem de pastor construída por alguns de seus seguidores. Ele mostra sua verdadeira face. A revista apresenta ao público, além das declarações de Manson, os depoimentos de Vicent Bugliosi, o promotor que abriu vários processos contra Manson por conta dos assassinatos. Na entrevista, Vicent diz que muitos jovens seguiam os pensamentos de Manson e que isso não é normal.

Charles Manson era um falso guru que buscava se colocar no mercado como um cantor e artista hollywoodiano. A sua necessidade de ser famoso a qualquer custo o transformou em um sujeito perigoso que ensinava a matar para obter vantagens. Percebemos nos depoimentos da mídia que o sujeito é objetivado como um maluco que se desvia o conceito de messias que é propagado dentro dos vários momentos e eventos na história. Nos anos 60, o messias que os membros da seita tinham como um salvador era um homem cruel que fingia se importar com cada um de seus membros para obter vantagens. Nesse processo de objetivação do sujeito, os depoimentos descrevem um Manson como um líder apaixonante e ao menos tempo arrepiante.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise biográfica de Charles Manson, das entrevistas com ex-membros da seita e do que a mídia divulgava, pudemos analisar como vários recortes discursivos ao longo dos anos de vida do personagem biografado o ajudaram a produzir suas práticas discursivas dentro da Família. Verificamos que o sujeito Charles Manson se aperfeiçoou em vários saberes para que pudesse criar suas teorias megalomaniacas. O sujeito objetivado é apresentado de várias formas a partir do contexto de convivência de cada um que o conheceu, assim o sujeito é atravessado por vários processos enunciativos, que o objetivam ora como manipulador, sedutor, aliciador, violento, cruel, e ora como um sujeito bondoso, carinhoso e ao mesmo tempo visto como um falso guru e um megalomaniaco.

Charlie tinha características de um falso guru, usava roupas simples, incentivava a todos a trabalharem em grupos e considerava os membros de sua seita como discípulos, aqueles que devem respeitar os mandamentos do mestre. Charles Manson tinha como pensamento o controle sobre todos com quem ele convivia na casa, o uso de LSD era a sua principal forma de manter todos no controle para que não pudessem questionar as teorias pregadas por ele dentro da comunidade.

As entrevistas com ex-seguidores de Manson deixam claro que os membros da seita eram fascinados pelo falso guru, que o tratavam como se um fosse um homem bom, caridoso, quase que um soberano e salvador. Por outro lado, na visão do promotor de justiça e pela mídia, Manson era mais um falso guru infiltrado em uma sociedade em crise e que buscava mudanças indo contra um sistema de governo tradicional que era visto como enfadonho e falido. Tais movimentos e lutas foram favoráveis para que Charlie pudesse ter a oportunidade de colocar em prática todo o seu aprendizado que obtivera na prisão com outros prisioneiros e com a leitura do livro de Dale Carnegie.

Em nossos resultados, verificamos que o biógrafo utilizou de vários recortes jornalísticos e de depoimentos de familiares e cartas de Manson para o desenvolvimento de sua materialidade, isto é, a biografia. Ele percorre toda a trajetória de vida do sujeito biografado detalhando cada momento de sua vida. A mídia americana contribuiu para o conhecimento do público a respeito de Manson, descrevendo suas atrocidades e suas formas de manipulação como um meio para conquistar os seus seguidores, que nos documentários afirmavam que ele era um homem sedutor e que tinha um grande afeto por todos com quem ele convivia.

Observamos durante a pesquisa que Charles Manson é um sujeito de duas faces, em um momento sedutor e amável pessoal, e por outro lado um megalomaníaco e psicótico.

Os vários saberes obtidos por Charles Manson deram a ele o poder de manifestar dentro de si as práticas discursivas que almejava para que pudesse convencer jovens a fazerem parte de sua seita. O biógrafo Jeff Guinn nos apresenta um personagem real que tinha como objetivo manipular e ensinar seus seguidores a agirem contra a moralidade e a ética pregadas ao longo dos anos pela sociedade conservadora americana; os movimentos dos anos 60 foi o ponto de partida para que Charles Manson pudesse agir com suas práticas megalomaníacas de um falso messias para agir contra a lei e a ordem social.

Analisamos, assim, que o sujeito apresentado nesta pesquisa é objetivado em vários momentos de sua história a partir do contexto e ambiente em que ele perpassa. Manson não é apenas um falso guru como a mídia descreve, mas um sujeito com um leque de possibilidades a partir do olhar de cada um que conviveu com ele. Nesta pesquisa Manson é apresentado como um falso guru, um megalomaníaco, um salvador, um homem carinhoso e um assassino frio e cruel. Um sujeito paradoxal que mesmo após sua morte continua a ter seguidores ao redor do mundo criando, assim, possibilidades de novas seitas a serem organizadas em outros lugares.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. A. de. **A biografia e o ofício do historiador**. Revista Dimensões, v. 32, 2014, pp. 292-313. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6553363/mod_resource/content/1/aula%20%20A%20biografia%20e%20o%20of%20C3%ADcio%20do%20historiador%20ALMEIDA.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2023.

ABC News. **Patricia Krenwinkel, Leslie Van Houten on why they followed Charles Manson: Part 2**. YouTube, 18 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RA7Kh6cgwks&t=473s>>. Acesso em: 25 maio 2023.

BARAÚNA, L. J. **Dicionário de Teologia Fundamental**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BARTOLOMÉ RUIZ, Castor M. M. O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, ano 14, v. 14, n. 241, 2016.

BURKE, P. **A invenção da biografia e o individualismo renascentista**. Tradução de José Augusto Drummond. Revista Estudos Históricos, 1997. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2038/1177>>. Acesso em: 09 jan. 2023.

CAVALHEIRO, J. dos S. A concepção de autor em Bakhtin, Barthes e Foucault. **Revista Signum: Estud. Ling.**, Londrina, n. 11/2, pp. 67-81, dez. 2008. Disponível em: <<https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/3042/2585>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

CHEVITARESE, A. L. *et at.* **Jesus de Nazaré: uma outra história**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

DORNELES, V. A nação eleita: a ideologia do messianismo americano como um sistema de cultura. **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Santos-SP, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1316-2.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2022.

HEDEGAARD, E. **A face do mal: as confissões finais de Charles Manson**. Revista Rolling Stone (Brasil), São Paulo, novembro de 2018. Disponível em: <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/face-do-mal-as-confissoes-finais-charles-manson/>>. Acesso em: 28 jun. 2023.

FISCHER, R. M. B. **O desejável conhecimento do sujeito**. Revista Educação&Realidade, pp. 39-59, jan./jun 1999. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/55804/33902>>. Acesso em: 04 out. 2021.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. **Ditos e escritos IV**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **O Governo de Si e dos Outros**. Curso dado no Collège de France (1982-1983). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** 3. ed. Tradução de António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Pontinha (Portugal): Vega, 1992.

FOUCAULT, M. **Segurança, território e população**. Curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Subjetividade e verdade**. Curso dado no Collège de France (1980-1981). Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Tradução de Raquel Ramallete. 34. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

GUERRA, F. **Hippies: History Channel**. Youtube, 27 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cnOUPZtLyG0>>. Acesso em: 21 dez. 2021.

GUINN, J. **Charles Manson, a biografia**. Tradução de Daniel Alvez da Cruz *et al.* Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2014.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos**. São Carlos, SP: Claraluz, 2004a.

GREGOLIN, M.R.V. **Michel Foucault: o discurso nas tramas da História**. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral dos (Orgs.): *Análise do discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia, MG: Entre Meios, 2004b, p. 19-42.

GREGOLIN, M.R.V; NEVES, I. S. **A arqueologia foucaultiana como lente para a análise do Governo da Língua Portuguesa no Brasil: continuidades e disrupções**. Belém: Revista Moara, 2021, p. 8-32.

KOJIMA, R. M. **Fim da contracultura e do gosto de morangos mofados**. FESP-SP: São Paulo, 2017. Disponível em:

<https://www.fesp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Manuais/RAISSA.pdf>.

Acesso em: 23 maio 2021.

LUCAS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudos da mulher**. Tradução de Dayse Fontoura *et al.* Curitiba: Publicações Pão Diário, 2019.

OLIVEIRA, R. C. de. **O poder pastoral em Michel Foucault: o paradoxo do governo e cuidado da vida humana**. Dissertação de Mestrado, f. 178, Unisinos, 21 mar. 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/8241/Renato%20Carvalho%20de%20Oliveira_.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 jan. 2023.

Over news. **Reportagem do Fantástico sobre Charles Manson**. YouTube, 29 julho 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bqQKXz258Wk>>. Acesso em: 27 dez. 2022.

PAES, M. H. S. **A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

POSSENTI, S. Índícios de autoria. In: **PERSPECTIVA**, Florianópolis, v.20, n.01, p.105-124, jan. /jun. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10411/9677>>. Acesso em: 22 ago. 2023.

Real crime. **Manson's Night Of Horror: The Day We Murdered Sharon Tate/ Real Crime**. Youtube, 17 set. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XwFGdnNTBnk>>. Acesso em: 26 jun. 2022.

SECCO, L. O maio de 1968 – a luta dos direitos civis nos Estados Unidos. **Jornal da USP**, São Paulo, 22 out. 2018. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/o-maio-de-1968-a-luta-dos-direitos-civis-nos-estados-unidos/>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

SCHWARCZ, L. M. Biografia como gênero e problema. **História Social**, n. 24, 2013. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5661206/mod_resource/content/1/Lili%20Schwarcz%20Biografia%20ge%CC%82nero%20e%20problema.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2023.

SOUSA, R. F. de. O desenvolvimento histórico do messianismo no judaísmo antigo: diversidade e coerência. **Revista USP**, São Paulo, n. 82, pp. 8-15, junho/agosto 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13746/15564>>. Acesso em: 8 abr. 2022.

SOUSA, C. **Governamentalidade, corpo e imagem: a constituição do sujeito fumante em campanhas antitabagistas nas embalagens de cigarro**. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, 2015.

SOUZA, D. C. de. A morte do autor de Roland Barthes: ecos musicais. **Revista Letras Universidade do Estado do Pará**, Belém, abril/junho de 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uepa.br/index.php/ribanceira/article/view/1226>>. Acesso em: 6 jan. 2023.

TRAUGOTT, E. C. **Revisiting subjectification and intersubjectification**. Stanford, California, 2010, pp. 29-70. Disponível em: <<https://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottDavidseIntersbfn.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2021.

Veyne, P. Como se escreve a história. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

ANEXOS



Figura 12 – Charles Manson sendo levado para o julgamento. Fonte: life.com



Figura 13 – Manson na sala do júri. Fonte: life.com



Figura 14 – Um dos membros da Família com uma marca na testa, a mesma feita por Manson quando foi preso. Fonte: life.com



Figura 15 – Membros da Família do lado de fora da corte de justiça da Califórnia em 1970. Fonte: life.com



Figura 16 – Susan Atkins, uma das assassinas que fazia parte da Família sendo presa em 1969. Ela faleceu em 2009 após ter um câncer. Fonte: life.com

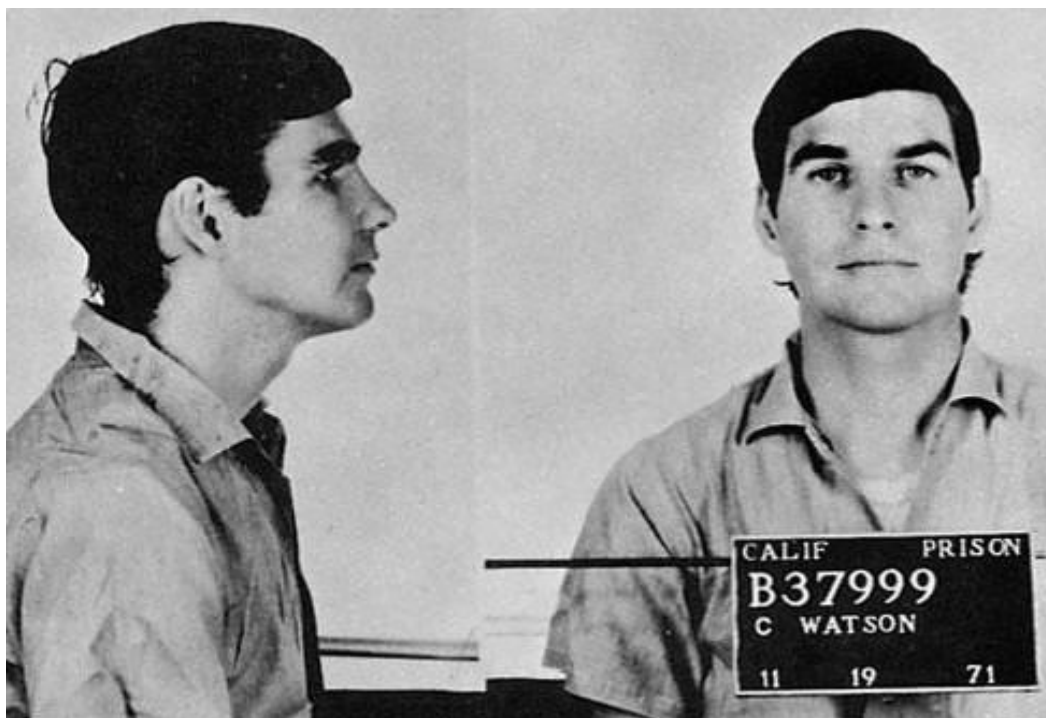


Figura 17 – Tex Watson, um dos assassinos que participou dos assassinatos de Sharon Tate e seus amigos, Steve Parent (amigo do caseiro da mansão de Tate) e do casal LaBianca. Fonte: Wikipédia.



Figura 18 – Imagem da atriz Sharon Tate em um ensaio fotográfico. Fonte: Terra.



Figura 19 – O casamento de Sharon Tate e Roman Polanski (cineasta franco-polonês). Fonte: Marie Claire Austrália.



Figura 20 – Imagem das vítimas assassinadas pelos membros da Família. No primeiro quadro há a imagem de Wojciech Frykowski, amigo de Polanski; no segundo quadro Sharon Tate, no terceiro quadro Steve Parent, amigo do caseiro da mansão; no quarto quadro está Jay Sebring, ex-namorado de Tate; Abigail Folger, amiga de Tate e herdeira da marca de café americana Folger. Fonte: La Vanguardia.



Figura 21 – Imagem do casal LaBianca, donos de uma rede de supermercados. Foram assassinados um dia após os assassinatos de Sharon Tate e seus amigos. Fonte: Wikipédia.



Figura 22 – Imagem de alguns membros da Família Manson após uma foto em uma caverna. Fonte: Fatos Desconhecidos.

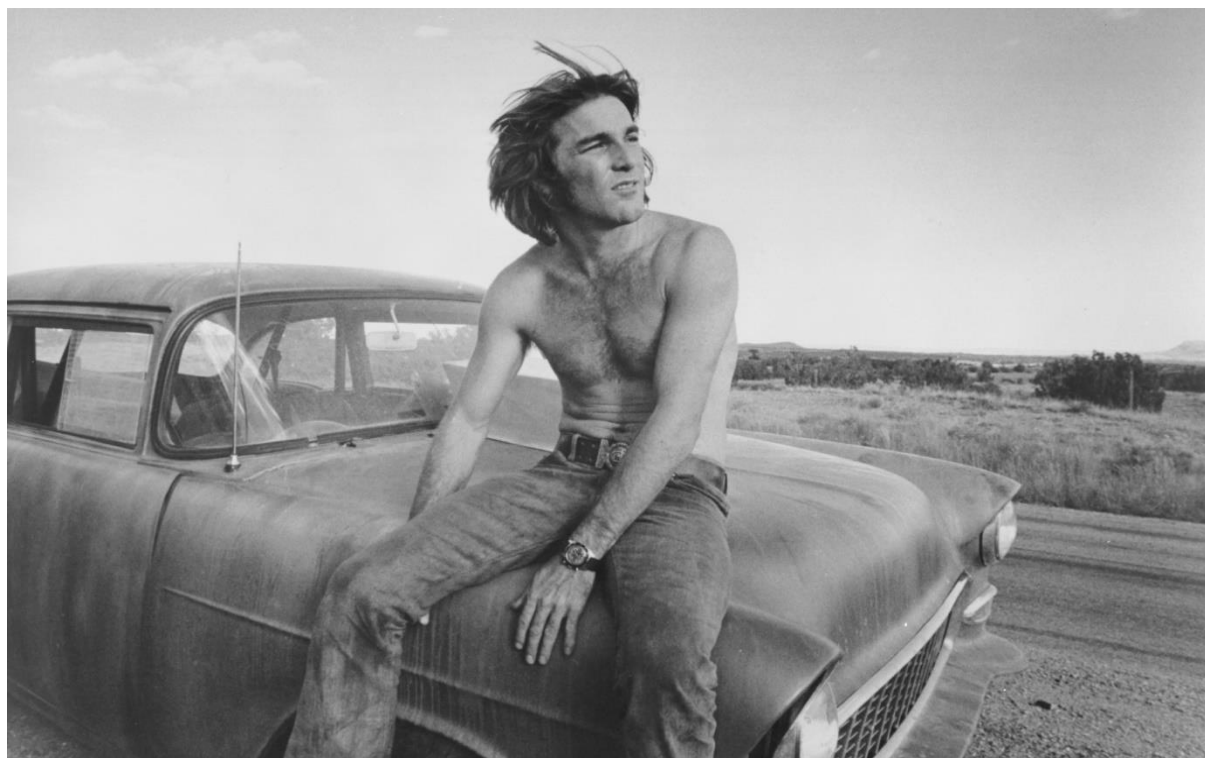


Figura 23 – Imagem de Dennis Wilson, integrante da banda Beach Boys, conviveu com membros da Família Manson. Fonte: Rolling Stone.



Figura 24 – Imagem de Terry Melcher, produtor musical na década de 60 que recusou a patrocinar Charles Manson. Fonte: Wikipédia.

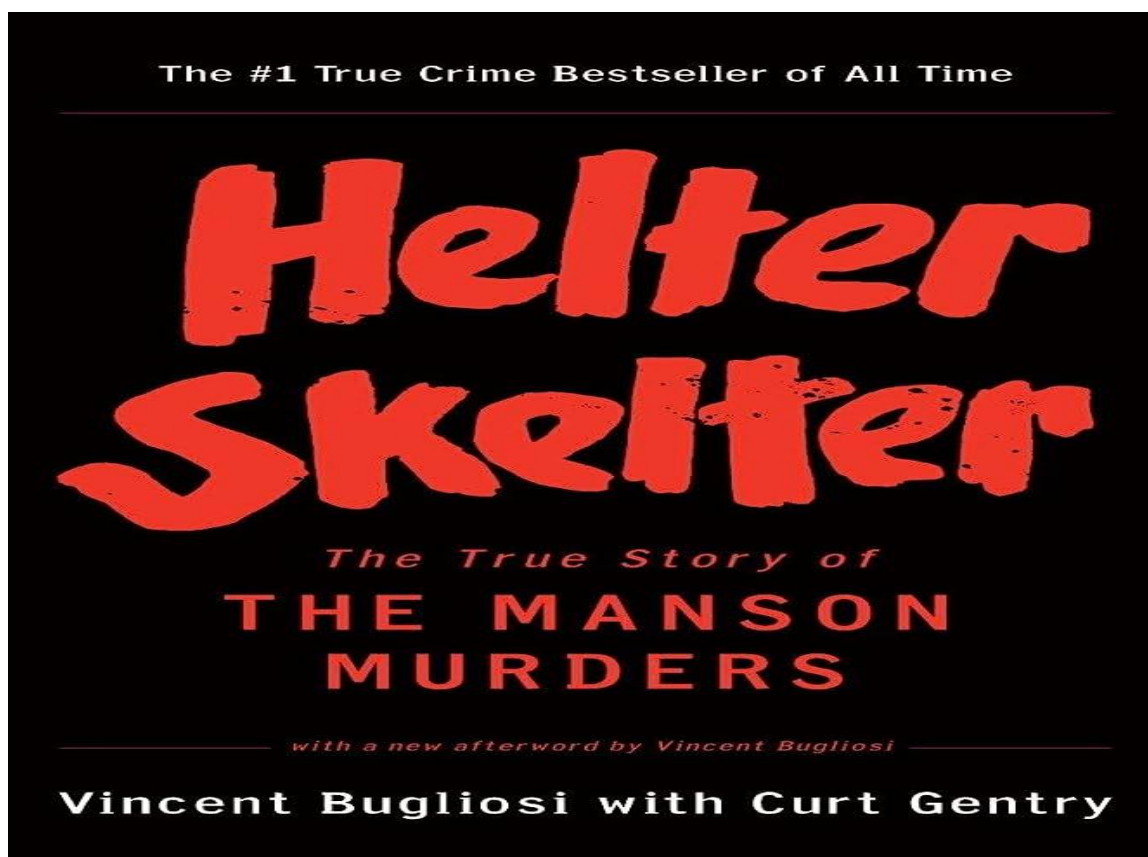


Figura 25 – Livro de Vicent Bugliosi que descreve sobre os assassinatos de Tate-LaBianca em 1969. Fonte: Amazon.

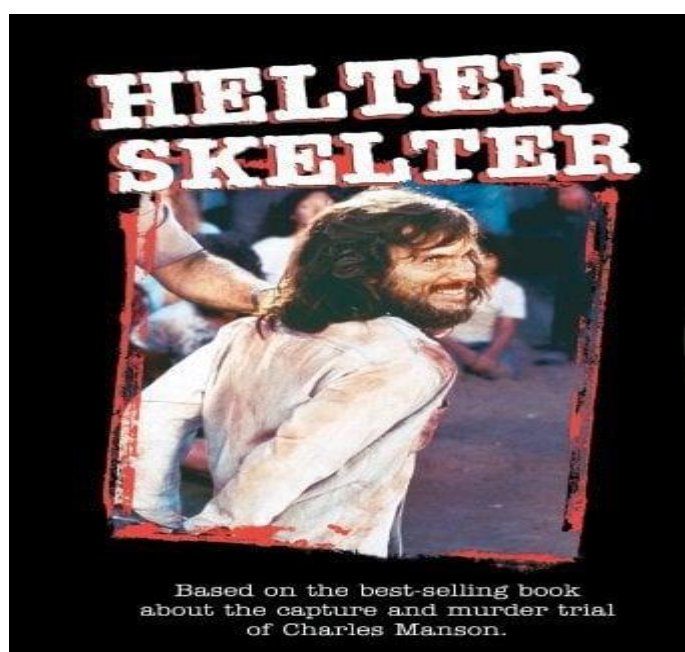


Figura 26 – Primeira versão do filme Helter Skelter que retrata sobre a vida de Charles Manson. Fonte: AdoroCinema.

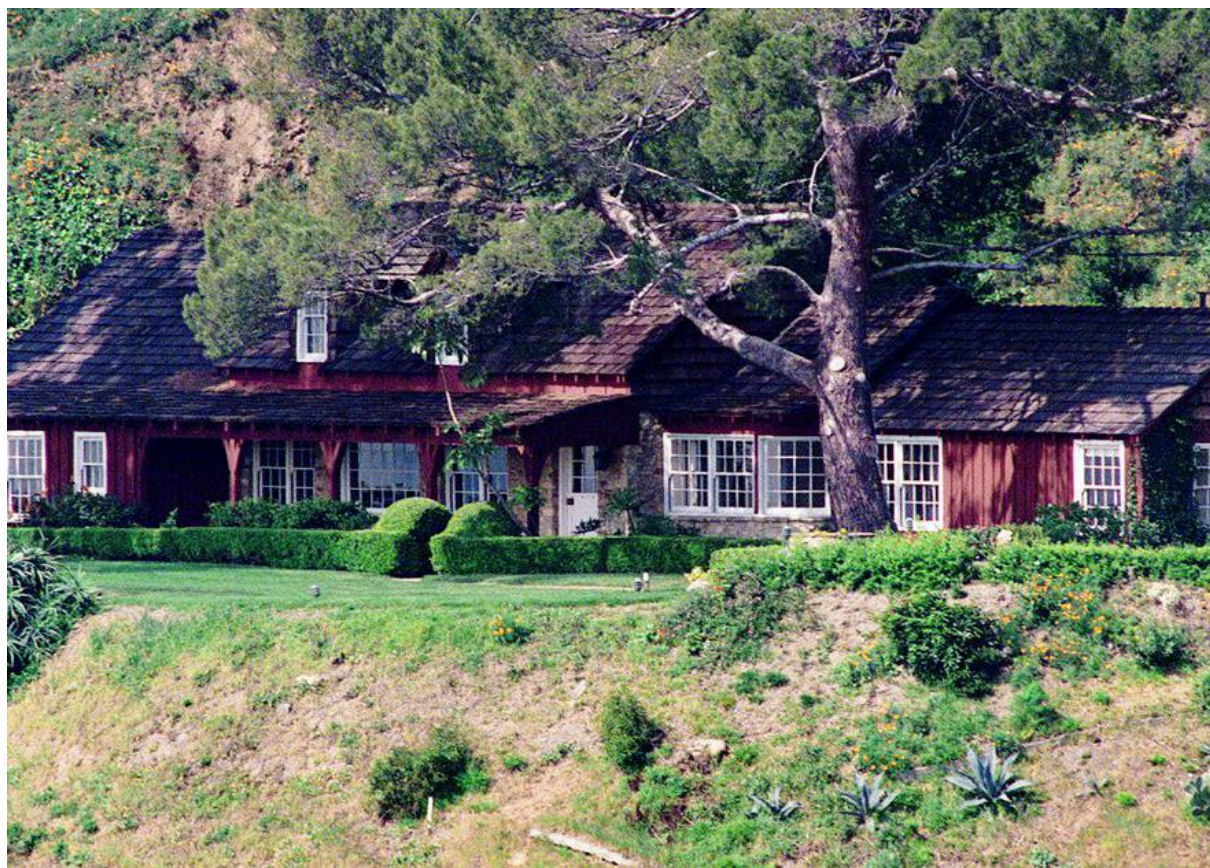


Figura 27 – Casa onde vivia Sharon Tate na Cielo Drive (Los Angeles). Fonte: Lady Hollywood.